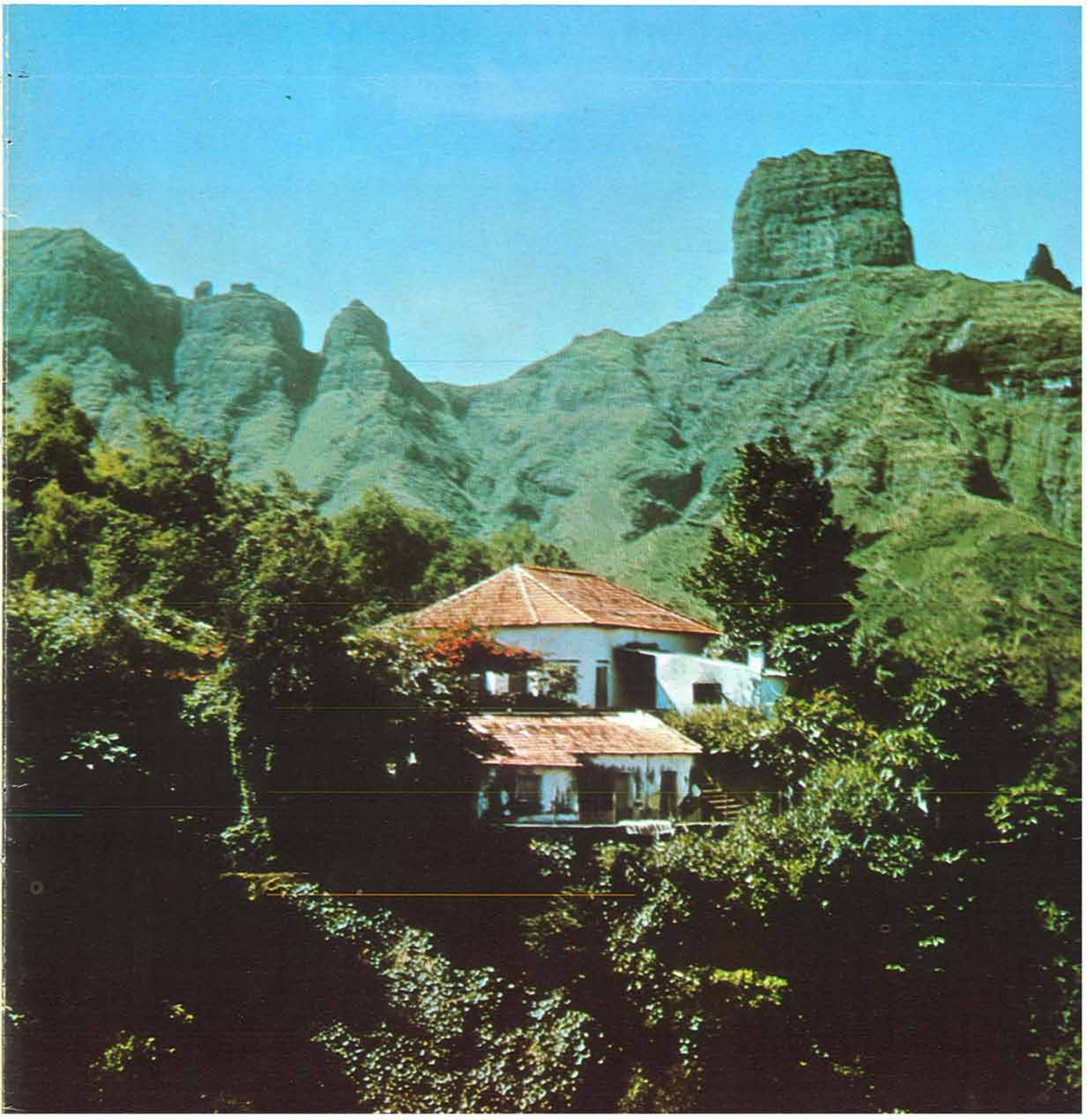
N.º 6 / MARÇO 1972 / ANO I

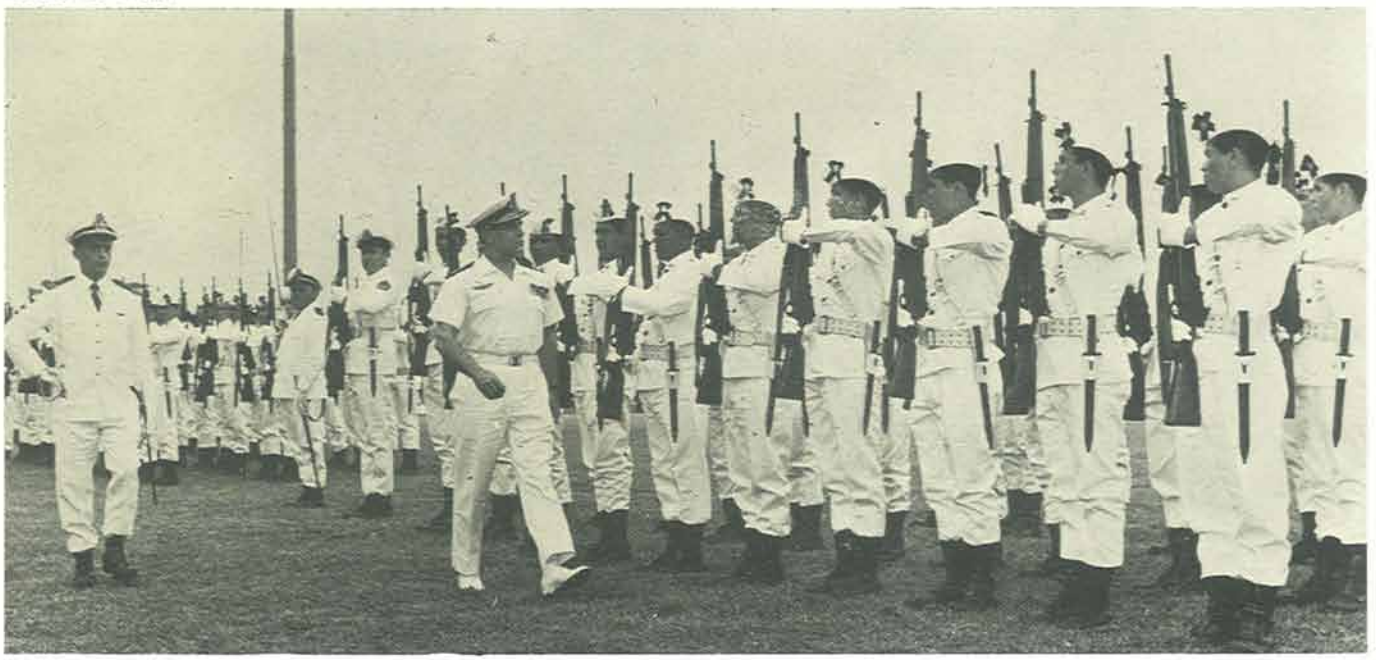
# revista da ARMADA



# sumário


| | | Pág. |
|---|---|---|
| M. do Vale | **Nota de Abertura** | 3 |
| M. Horta | **Os Artistas Portugueses e a Armada** | 4 |
| A. Neves | **Dr. Bernardino António Gomes** Médico e Homem de Ciência *(Rectificação)* | 5 |
| M. Horta | **Efemérides Navais** | 5 |
| P. Caneiras | **Um Raio de Esperança** | 6 |
| S. Elpídio/A. Chuquere | **A Pátria Honrai** | 7 |
| O. Lemos | **Bibliografia** | 8 |
| C. Junça | **Saibam Todos** | 9 |
| O. Lemos | **Ciências, Artes e Letras** Calouste Gulbenkian – *Um Museu que vale a pena conhecer* | 10 |
| S. Machado | **Ultramar** Silva Nunes – *Comandante Militar do Baixo Cubango* | 14 |
| P. Caeiro | **Desportos** | 18 |
| Redacção | **Voz da Abita** | 20 |
| A. Chuquere | **Notícias Pessoais** | 21 |
| G. Brandão | **Filatelia** | 22 |
| S. Elpídio | **Reportagem** | 23 |
| C. Junça | **No Mundo Aconteceu** | 30 |
| S. Machado | **Quarto de Folga** | 32 |


**NAÇÕES IRMÃS** – *O contra-almirante português Ferrer Caeiro passa revista a uma guarda de honra prestada por fuzileiros navais do Brasil.*



**REVISTA DA ARMADA**

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

*Director e Editor:*
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

*Orientação gráfica:*
Hernani Lopes

*Propriedade*
do Ministério da Marinha

*Redacção e Administração*
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

**N.º 6 / MARÇO DE 1972 / ANO I**

Preço de venda avulso 3$00

*Assinaturas anuais:*

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

**CABO VERDE – amada terra das mornas.**
*(Ilha de Santiago – Posto Agro-Pecuário – Foto da Agência-Geral do Ultramar)*

**Execução gráfica:**
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

# nota de abertura

# INSISTINDO INSISTINDO INSISTINDO

É consolador verificar o entusiasmo com que a Armada acolheu a sua Revista. Sente-se bem que somos ainda uma grande família; uma família antiga e muito nobre, fundada pelos navegadores das Descobertas e continuada por uma plêiade de ilustres varões que enriqueceram a história por seus feitos no mar, em terra e no ar.

Queremos ser dignos filhos de tão boa gente. Queremos viver com dignidade o presente para que os vindouros se orgulhem de nós, como nós nos orgulhamos dos que nos antecederam.

A nossa Revista, como dizíamos no primeiro número, tem a pretensão de cimentar a amizade e promover a compreensão entre todos os que servem a Armada, com o objectivo de a valorizar e a manter unida.

Apelámos para oficiais, sargentos, praças e funcionários civis, pedindo que colaborassem nela. Ainda poucos responderam à chamada e por isso insistimos.

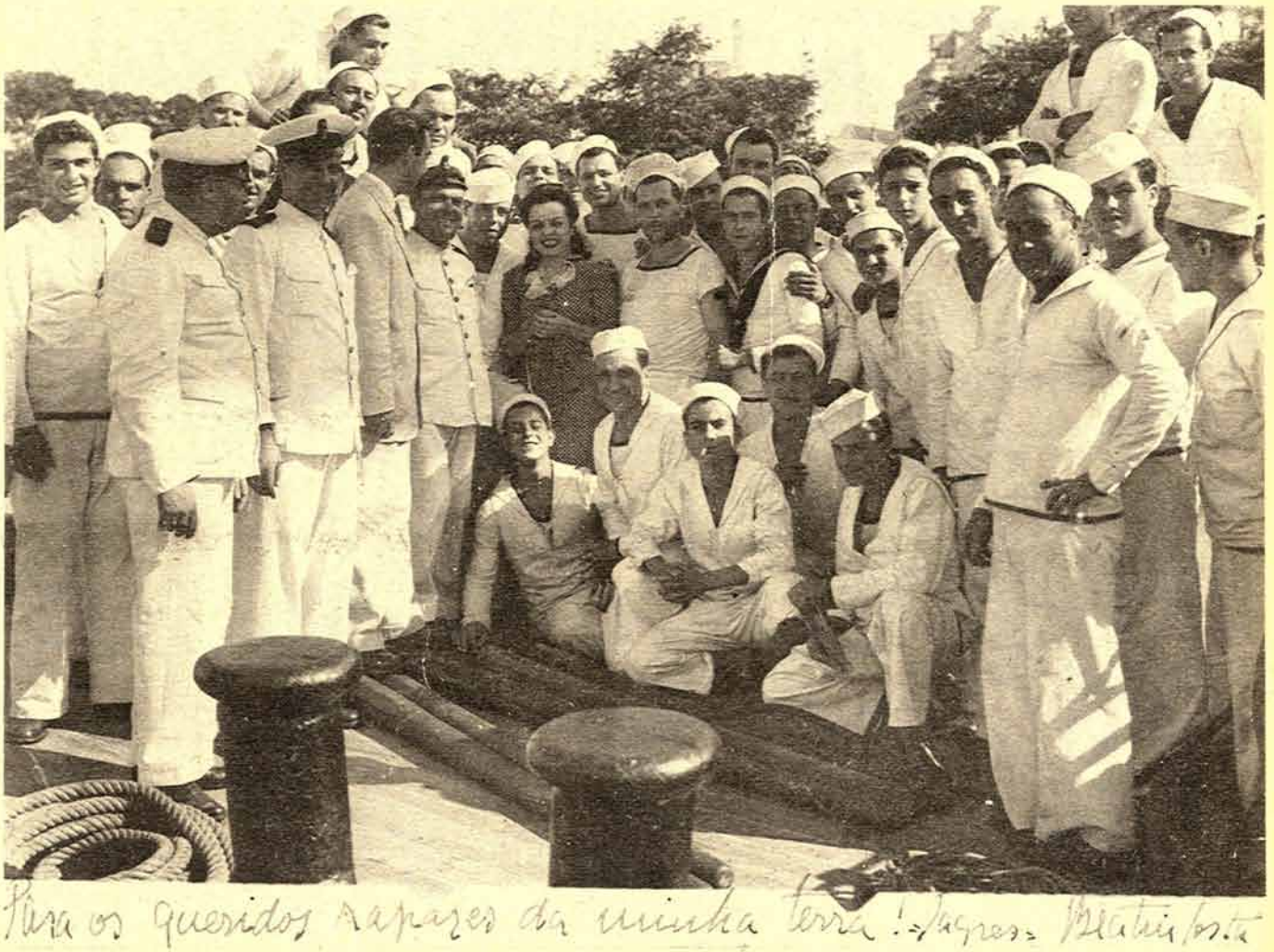
A Revista é «nossa» e como tal deve ser feita por todos.

Mandem-nos as vossas narrativas, os vossos versos, as vossas fotografias e desenhos... E não digam que não há que contar!

Então não somos nós os tripulantes das Naus Catrinetas de agora?

# Os Artistas Portugueses e a Armada

# *Beatriz Costa na "SAGRES"*




Estávamos em 1945. Tinha acabado a guerra. Na sequência das vitórias das democracias – com uma excepção – sobre as ditaduras, havia sido eleito Presidente da República do Brasil o marechal Dutra, em substituição do Dr. Getúlio Vargas. A posse do novo presidente realizar-se-ia em Fevereiro de 1946 e Portugal, como muitos outros países, far-se-ia representar na cerimónia de investidura por luzida embaixada da qual fazia parte o navio-escola «Sagres».

Na ocasião encontrava-se radicada no Rio de Janeiro a nossa mais popular artista do teatro de revista, Beatriz Costa, que brilhava nos tablados dos teatros do Brasil, onde granjeara enorme e merecida estima. Havia já alguns anos que deixara Lisboa, de forma que a saudade dos portugueses pela «sua» Beatriz Costa era grande.

O infalível teria de acontecer. Na Baía da Guanabara encontrava-se um navio da Armada portuguesa – a «Sagres»; a viver no Rio a «nossa» Beatriz. A sua visita à «Sagres» não se fez esperar. E, ei-la a bordo a confraternizar com oficiais, sargentos e praças; com todos ela conversou e conviveu, recordando a sua terra distante. As câmaras de oficiais e de sargentos, a coberta das praças e a camarinha do comandante receberam a sua visita numa ânsia de com todos contactar e viver, com a sua contagiosa alegria e espirituosos ditos – não fosse ela a nossa melhor artista de teatro ligeiro.

Como não poderia deixar de suceder, teria de se fazer o tradicional «boneco» com a Beatriz Costa, e tudo se encaminhou nesse sentido: a bordo encontrava-se um simpático repórter fotográfico brasileiro; o castelo da «Sagres» foi tomado de assalto – a bordo havia mais de 100 rapazes com 20 ou menos anos de idade; a artista exigiu que o cozinheiro ficasse a seu lado (foi

contemplado com a deferência o faxina da cozinha, o Eduardo); também de assalto foram ocupados os lugares que a objectiva pudesse focar; o autor destas desconchavadas linhas, então grumete, preferiu ficar do lado do fotógrafo a admirar a Beatriz, a disputar o almejado «lugar ao sol». E foi batida a chapa.

Certamente que o fotógrafo deveria pertencer ao jornal «A Noite», cujas instalações ficavam na Praça Mauá, a cujo cais se encontrava a «Sagres» atracada, porquanto passados eram poucos minutos as fotografias – duas ou três – estavam a bordo.

Não sei explicar porque «artes mágicas» me coube ficar com uma das cópias – eu nem estava nela! Só sei que na posse da foto, sem ser caçador de autógrafos – na altura esta mania não estava ainda na moda –, pensei que teria outro valor se fosse assinada pela «nossa querida» Beatriz Costa. Se melhor pensei... Encontrava-se então a artista na camarinha com o Sr. Comandante e outros oficiais, onde se servia um aperitivo. Não foi o caso motivo de impedimento. Um pouco de descaramento, a aquiescência bondosa e compreensiva do Sr. Comandante, o auxílio do criado da camarinha – o Sebastião... e eis a fotografia que acompanha este artiguelho com a sugestiva dedicatória «Para os queridos rapazes da minha terra!» e o desejado autógrafo.

São assim os artistas portugueses nos seus muitos contactos com os Marinheiros de Portugal.

*M. Horta*
*Sarg. aj. L*

---

## Dr. BERNARDINO ANTÓNIO GOMES — Médico e Homem de Ciência

# RECTIFICAÇÃO

No apontamento «Dr. Bernardino António Gomes – Médico e Homem de Ciência», publicado no n.º 4 da «Revista da Armada», atribuímos, erradamente, o busto que ilustra o mesmo ao eminente médico e cientista.

Certos de que os leitores nos relevam a falta, assaz perdoável, dadas as circunstâncias, permitimo-nos transcrever algumas passagens da acta da inauguração do dito monumento, que, posteriormente, consultámos na Biblioteca do Hospital da Marinha, por nos parecerem interessantes e elucidativas.

*«No dia doze do mês de Novembro do ano de mil novecentos e trinta, pelas quinze horas, nesta cidade de Lisboa, e no Hospital da Marinha, no largo hoje denominado «Doutor Bernardino António Gomes» (Pai), e que fazia parte do Campo de Santa Clara, compareceram, na presença de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, os Excelentíssimos Ministros do seu Governo, Excelentíssimos Oficiais Generais, Oficiais da Marinha e do Exército, Funcionários dos Ministérios, e os Excelentíssimos Vogais da Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Lisboa, juntamente com a Excelentíssima Comissão Promotora do Monumento ao Doutor Bernardino António Gomes (Filho), comigo Joaquim Kopke...*

*«O monumento que se acha colocado a meio da praça, é composto por um busto de bronze, representativo da figura do Doutor Bernardino António Gomes (Filho), e assenta sobre um plinto de pedra lioz (...) e contém as seguintes inscrições: na frente: – «Bernardino António Gomes, médico da Marinha de Guerra – 1806-1877» – na rectaguarda: – «Distinto Botânico» –; no lado direito: – «Notável Médico» –; e no lado esquerdo: – «Sábio Higienista» –. O bronze foi fundido no Arsenal da Marinha e a maqueta foi feita por Costa Mota (Tio).*

*«A placa feita em bronze e contendo a seguinte inscrição – «Praça Dr. Bernardino António Gomes – Médico da Armada – Sábio insigne – Benemérito da Humanidade – 1768-1823», acha-se colocada na muralha de sustentação do Jardim de Santa Clara (...)»*

*A. Neves*
*1.º sarg. H*

---

# Efemérides navais relativas ao mês de Março

Em 2 de Março de 1497, a esquadra de Vasco da Gama fundeia na Ilha de Moçambique, donde seguiu para a Índia.

Em 8 de Março de 1500, Pedro Álvares Cabral parte do Tejo, como capitão-mor de uma armada de 13 naus, levando 1500 homens, com destino ao Oriente, descobrindo as Terras de Vera Cruz.

Em 9 de Março de 1498, Vasco da Gama chega a Melinde, onde embarca o famoso piloto árabe Ibn-Madjid que o levou directamente a Calecute.

Em 9 de Março de 1916, Portugal participa na I Grande Guerra Mundial, sendo o efectivo naval disponível composto de: 4 cruzadores, 2 contratorpedeiros, 1 submarino, 2 cruzadores auxiliares, 1 aviso, 2 torpedeiros, 12 canhoneiras, 9 caça-minas, 6 navios auxiliares, 10 patrulhas e 1 navio-escola de artilharia.

*(Foto de L. C. Gaspar)*

# UM RAIO DE ESPERANÇA

Um raio de esperança!
No brilho dum olhar, num sorriso de criança,
na seara a crescer, no sol a despontar.

Um raio de esperança!
Que o Homem amará o Homem como irmão,
nas mesas haverá o pão de cada dia, nas janelas as flores
e no ar os odores da paz, da união e da alegria.

Um raio de esperança!
Que o Homem confiará no Homem
como a água cantante nas margens que beija
no seu fluir constante.

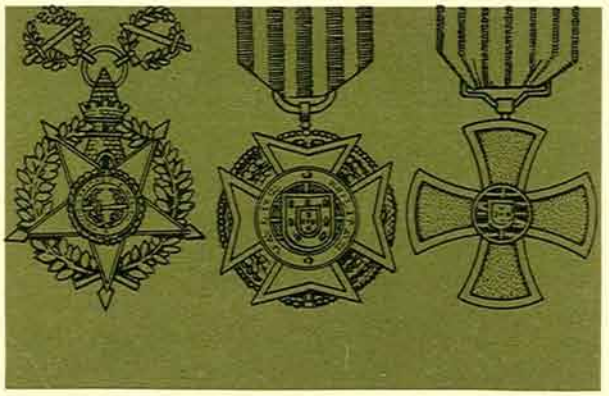
Um raio de esperança!
Que o Homem quererá, um dia, imitar:
o vento em seus ímpetos de nudez e verdade,
o mar em sua força e constância.
As estrelas na harmonia e a lua na discrição.
O Sol na justiça e na igualdade,
a chuva na abundância, a Terra na produtividade.
O ar na subtileza e a brisa na mansidão.
A Natureza na unidade da multiplicidade.

Um raio de esperança!
Que, um dia, o barco da nossa vida
navegará num mar calmo, de águas transparentes,
de reflexos reluzentes e de profunda limpidez.
Sem sereias com seus cantos de perdição
e sem deuses contrários à nossa navegação.
Teremos por bússola a lealdade e a coragem por pendão.
Por piloto um Puro e grande Amor.
Por guias o perdão e a confiança.
A inteligência e a vontade,
o trabalho e a lealdade
serão, do nosso barco, a guarnição.
Assim navegando alcançaríamos o porto da felicidade.
Mas...

Só um raio de esperança!
Só uma esperança na Humanidade!

*Palma Caneiras*
*3.º oficial*

# a Pátria honrai



No decurso de uma operação que se desenrolava no vale de um rio da Província de Moçambique, o 1.º grumete fuzileiro especial, n.º 1184/67, Fernando Valente Maia, integrado num grupo restrito de fuzileiros, efectuava uma batida, quando avistou um grupo maior de inimigos armados.

À sua ordem de depor as armas o inimigo responde com fogo intenso mas o grumete Maia corre sòzinho sobre ele, disparando e põe-no em fuga, demonstrando assim uma invulgar presença de espírito aliada a excelente coragem e sangue frio, conseguindo com a sua atitude empolgar os camaradas para uma brilhante acção com resultados altamente positivos.

As excepcionais qualidades de abnegação, coragem, sangue frio, decisão e serena energia debaixo de fogo, tornam o 1.º grumete FZE N.º 1184/67, Fernando Valente Maia, um excelente combatente com o qual o Comando do Destacamento N.º 5 de Fuzileiros Especiais pôde contar ao longo de toda a comissão naquela Província e que tem inteiramente jus à medalha da Cruz de Guerra de 4.ª Classe que lhe foi concedida.

*N.R.: Esta praça é natural de Alhos Vedros, Concelho da Moita, Distrito de Setúbal.*

## CRUZ DE GUERRA

*1.ª classe:*

2.º ten. José Manuel Mala Ferreira Serra – Moçambique (1968).

*2.ª classe:*

1.º ten. José Luís Ferreira Leiria Pinto – Guiné (1966).

Subten. RN Francisco Coelho M. Fernandes – Guiné (1967).

10106/Mar.FZ–Asdrúbal Fortes Jorge – Guiné (1968).

*4.ª classe:*

5498/1.º sarg FZE – Manuel Gomes Fonseca – Guiné (1968).

5335/2.º sarg FZE – João Maria Rodrigues – Guiné (1968).

6636/C.FZE – Joaquim G. Faustino – Moçambique (1968).

8165/Mar.FZE – Antero C. Pires – Moçambique (1967).

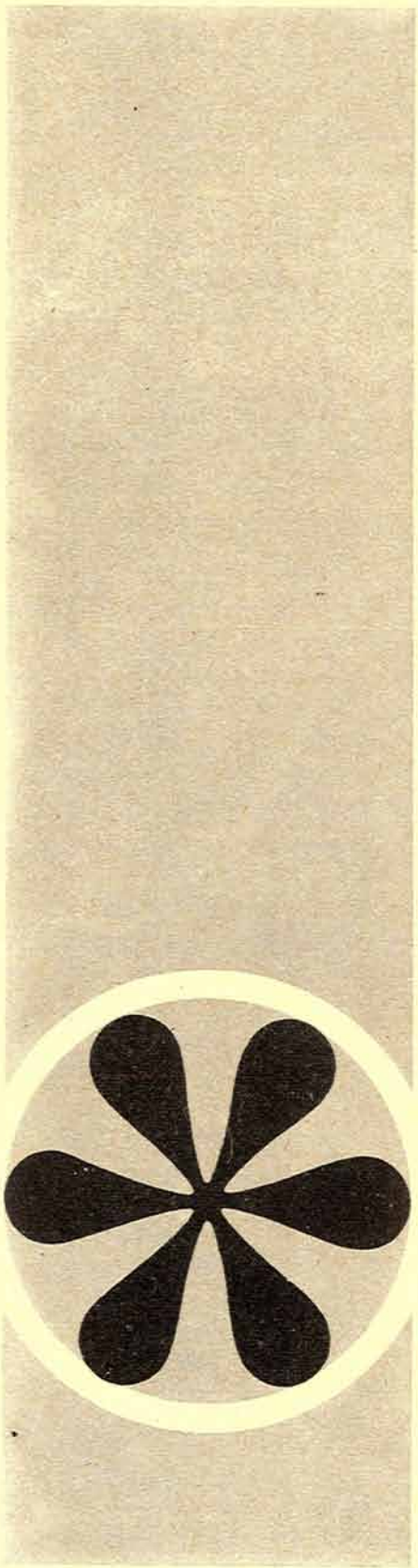
518/64/Mar.FZE–Manuel Joaquim B. Lagarto – Guiné (1967).

751/64/Mar.FZE – António Jacinto B. Lacão – Moçambique (1967).

806/64/Mar.FZE–Armando R. Coelho – Guiné (1967).

1241/64/Mar.FZE – António J. P. Marçalo – Guiné (1967).

# bibliografia



*OS NAVIOS QUE DESCOBRIRAM O MUNDO, pelo Comandante Carvalho Andrade*

Em edição do Ministério da Educação Nacional – Direcção-Geral do Ensino Primário – foi publicado mais um livro da série COLECÇÃO EDUCATIVA com o título em epígrafe. Trata-se de uma obra de divulgação cultural sobre um assunto que, interessando a todos, por maioria de razão nos deve interessar a nós marinheiros. O Comandante Carvalho Andrade socorre-se com muita felicidade do seu estilo narrativo ao jeito de conversa, cativando o leitor e despertando-lhe a curiosidade para o assunto.
O que foram as barcas, os barinéis, as caravelas, as naus e os galeões di-no-lo o autor, de forma despretensiosa e muito simples, num estilo acessível e agradável. A «Revista da Armada» felicita o Comandante Carvalho Andrade por esta interessante obra de divulgação.

---

*ANA PAULA, de Joaquim Paço d'Arcos*

Apareceu a 12.ª edição de ANA PAULA, o romance que, ao tempo da sua 1.ª edição, em 1938, lançou o autor «nas bocas do mundo literário». Esta nova tiragem é mais uma afirmação do mérito da obra.

---

*PEDRAS À BEIRA DA ESTRADA (Notas e perfis), de Joaquim Paço d'Arcos*

Apareceu publicado por «Guimarães Editores» o 2.º volume desta obra, onde se evoca uma mão-cheia de individualidades e personagens da vida real.

---

*OBRAS COMPLETAS DE ALEXANDRE HERCULANO*

A editora «Bertrand» lançou o primeiro volume da edição completa das obras de Alexandre Herculano. Assim, surgiram nas montras o 1.º e 2.º volumes de «Lendas e Narrativas» com prefácio de Vitorino Nemésio e notas de António Lucas.

---

*CULTURA PORTUGUESA, por Hernâni Cidade e Carlos Selvagem*

A editorial «Notícias» publicou a obra CULTURA PORTUGUESA a que Hernâni Cidade e Carlos Selvagem conferiram o valor e categoria de que os seus nomes são seguro penhor.

---

*NÃO CHOREIS, MEUS OLHOS, de Maria Aliete Galhoz*

Maria Aliete Galhoz, que nos habituara já aos seus poemas e aos seus ensaios, surge agora a oferecer-nos o seu primeiro livro de contos – «Não choreis, meus olhos». Na realidade, essa poesia mesma que mora no íntimo da autora, paira ainda como boa fada sobre o conteúdo do seu novo livro. De resto, «Não choreis, meus olhos» é já um título de que ela não anda alheia.

*O. Lemos*

---

# saibam todos

Saibam todos

*Que* a «Revista da Armada» é enviada gratuitamente a todas as unidades navais e de fuzileiros, serviços, direcções, capitanias e delegações marítimas, estações radionavais, etc., do continente, das ilhas adjacentes e do ultramar, para leitura dos oficiais, sargentos, praças e pessoal civil. Para Angola, Moçambique e S. Tomé e Príncipe os exemplares (cerca de 1600) são enviados por via aérea, com a colaboração da F. A. P.; para Cabo Verde e Guiné (cerca de 900) são transportados nos navios das carreiras, com a colaboração da Polícia Marítima; para Macau e Timor, por via aérea (CTT); e para as ilhas adjacentes, por via marítima (CTT).

Os exemplares para as províncias ultramarinas do Atlântico e do Índico são enviados para os respectivos Comandos Navais e de Defesa Marítima, devidamente embalados e endereçados a cada unidade, serviço, capitania, etc., cabendo àqueles Comandos fazê-los chegar ao seu destino.

*Que* os exemplares da Revista enviados às unidades e serviços da Armada, tanto na Metrópole como no Ultramar, são em número suficiente para que todos a possam ler. Se assim não sucede, é porque a distribuição não está a ser bem feita ou há qualquer deficiência no sistema. Em qualquer dos casos agradece-se que nos dêem conhecimento, a fim de serem tomadas as necessárias providências.

*Que* o distintivo de identificação para uniformes de serviço pode ser determinado pelos comandantes, directores ou chefes dos organismos em que se verifique a necessidade de pôr em prática a sua utilização.

## CABO A 3180 SILVA

Este distintivo tem o formato indicado, sendo as letras brancas gravadas em fundo azul, podendo todavia ser utilizadas outras cores para fundo além desta, se for necessário distinguir subdivisões daqueles organismos.

*Que* no regresso de longa comissão de serviço nas províncias ultramarinas ou no estrangeiro, os navios da Armada podem usar, até uma semana depois da sua entrada no porto de armamento, uma flâmula aumentada de dois metros por cada mês, além dos 6 primeiros, que tenham estado ausentes das águas da Metrópole.

*Que* são as seguintes as situações em que, nos portos e ancoradouros, será içada a bordo dos navios da Armada a bandeira nacional, no período que vai desde o pôr do Sol até às oito horas do dia seguinte:

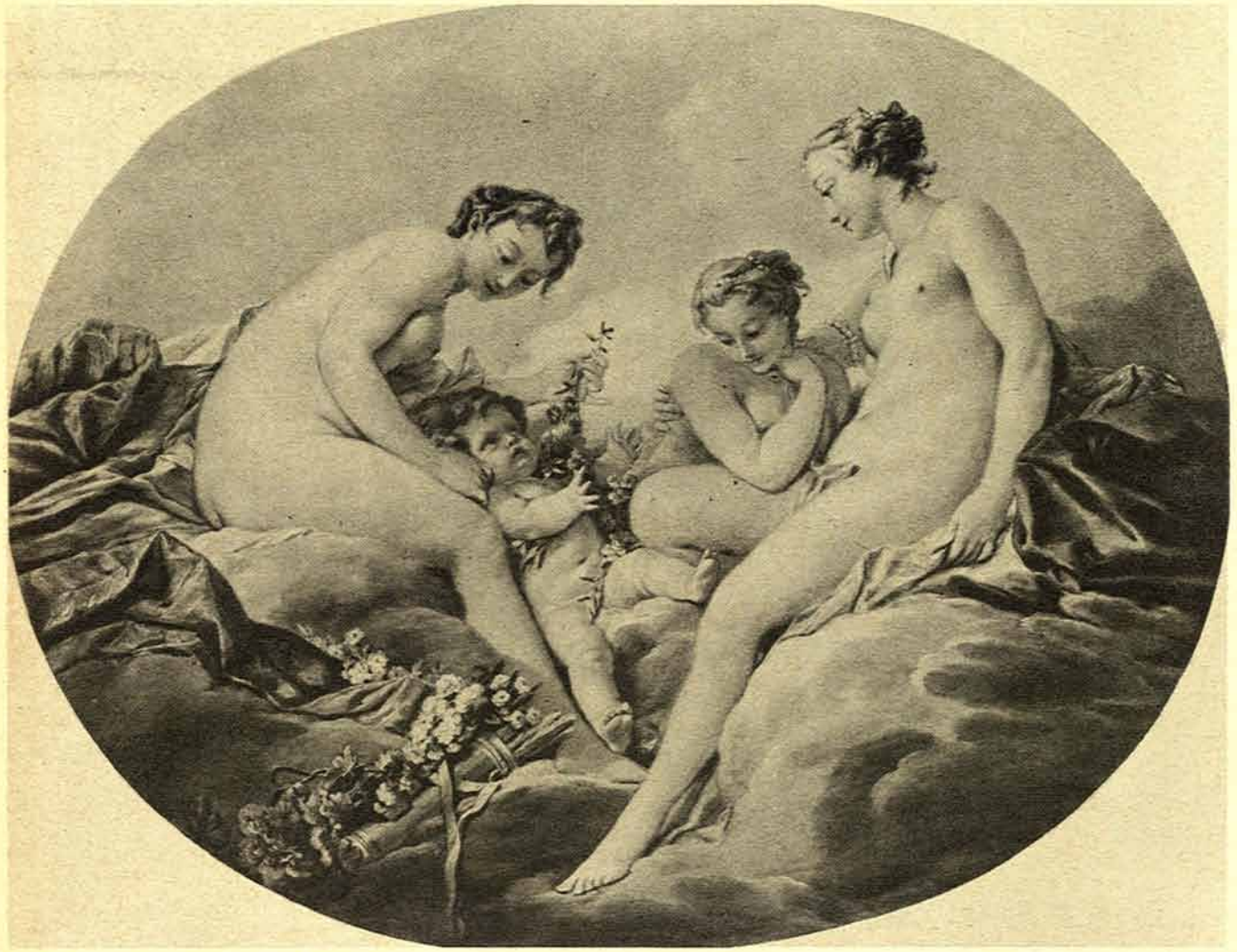
- quando outro navio de guerra largar ou demandar o porto;
- se passar à vista um chefe de Estado;
- se houver que retribuir cumprimentos feitos por outros navios.

# CALOUSTE GULBENKIAN
## um museu que vale a pena conhecer

*Retrato de Helena Fourment por Rubens*

Lisboa dispõe, na Avenida de Berna, de um museu modelar – o Museu Calouste Gulbenkian. A Fundação não se poupou a estudos, esforços e despesas para conseguir abrigar da maneira mais perfeita o seu valiosíssimo património artístico, concretizando, da melhor forma, o desejo expresso pelo seu Instituidor. Calouste Gulbenkian soubera reunir, ao longo de uma vida, uma colecção de obras de arte que, desde as civilizações do Antigo Egipto e Mesopotâmia até aos nossos dias, põe em evidência e permite obter, através da sua inestimável presença real, uma ampla panorâmica do «homem-artista» no seu trabalho criador ao longo dos séculos.

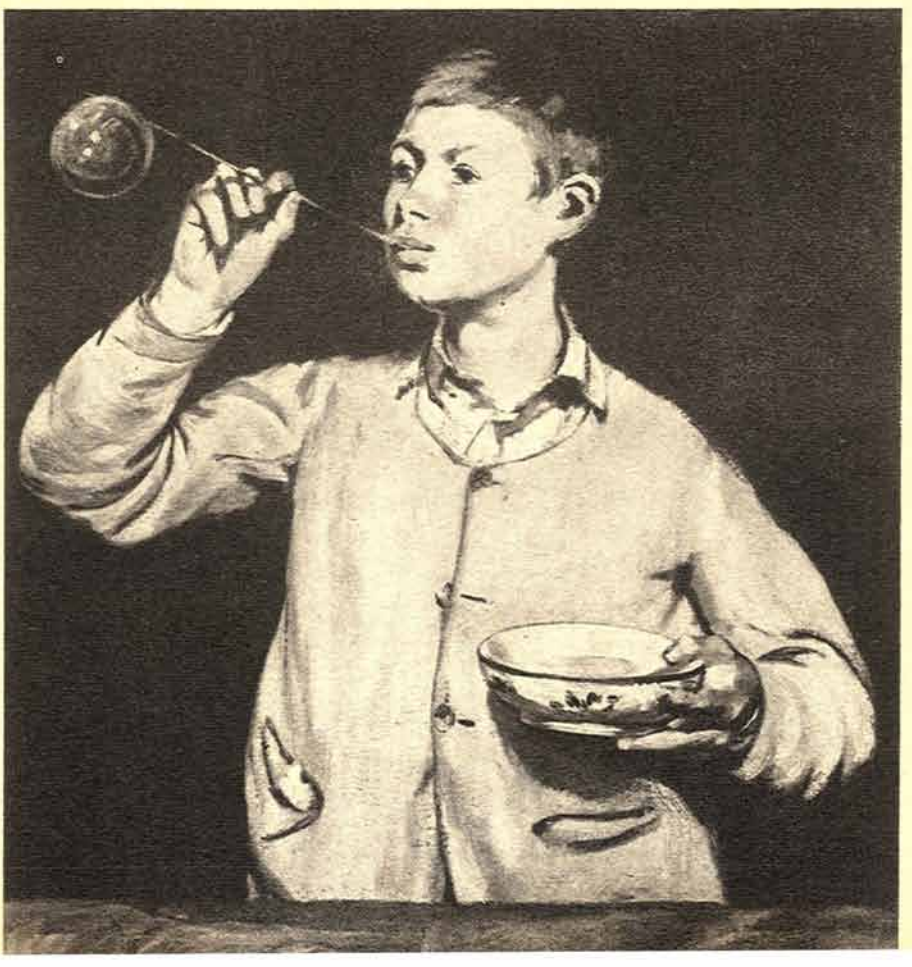
O Museu foi expressamente construído para essa colecção de obras e pôde ser planeado por forma a atender as necessidades específicas de cada uma delas no que respeita a espaço, apresentação e ilumina-



*Cupido e as três Graças por Boucher*

ção. Por este facto, é um museu que não tem paralelo no mundo. É único! O visitante é desde logo impressionado pela impecável organização ao seu serviço. Em salas climatizadas, onde a decoração é a própria obra exposta, o visitante sente-se acompanhado pelo calor de uma presença que não sabe definir bem, mas que o convida a estar, a permanecer...

Tirando partido da situação do edifício na ambiência do parque, abrem-se para o exterior, de vez em quando, amplas janelas rasgadas a toda a altura do edifício, através das quais a vista se alonga na contemplação de jardins bem cuidados que nos surgem numa aparência quase irreal, na estudada polarização da luz suavizada pelo vidro. O repouso do visitante e a sua comodidade foram



*As bolas de sabão por Manet*

*Palas Ateneia por Rembrandt*

# CALOUSTE GULBENKIAN

## um museu que vale a pena conhecer

uma preocupação constante de quem planeou este magnífico edifício. Nas salas de repouso, a contemplação da paisagem (ela própria tornada obra de arte) oferece um interlúdio que nos convida a um recolhimento, antes de prosseguirmos na jornada... Mas, é inútil tentar dar uma ideia, aproximada que seja, do que são, neste museu, o bom gosto e a arte ao serviço do público. Só vendo e sentindo... Por isso entendemos que quem não tenha visto ainda o Museu Gulbenkian terá perdido uma oportunidade, como poucas, de usufruir um grande prazer espiritual. Ali, tudo se casa para que a obra de arte possa ser, efectivamente, compartilhada. Mas falemos agora um pouco, e a larguíssimos traços, dessas obras a que Gulbenkian «queria como se fossem suas filhas».

O Museu abre com uma sala dedicada à arte do Antigo Egipto. O conjunto das obras permite seguir a evolução da arte egípcia desde o Império Antigo (cerca de 2700 anos antes de Cristo) até à época romana (século I). Daqui passamos para a arte da Mesopotâmia, Assíria e antigo Império Persa, avultando um baixo-relevo em calcário alabastrino proveniente do palácio de Nimrud construído pelo rei assírio Assurnazirpal (meados do século IX a.C.). Seguem-se peças do período clássico greco-romano e uma maravilhosa colecção de moedas de ouro gregas, cunhadas entre 561 e 50 a.C.

A arte do Oriente Islâmico e da Arménia surge-nos na mais ampla sala do museu, onde as tapeçarias se casam com os azulejos e onde vitrinas com peças de cerâmica e vidro e outras onde se expõem iluminuras e preciosidades bibliográficas são um verdadeiro regalo para a vista. Cada painel tem a sua iluminação própria, limitada estrictamente à área que ocupa, sem reflexos nem gradações que incomodem ou perturbem a apreciação por parte do visitante.

A sala reservada à arte do Extremo Oriente contém maravilhosas porcelanas chinesas, jades e outras pedras semipreciosas, num conjunto extre-

*Figura para «Os cidadãos de Calais» por Rodin*

mamente decorativo, estampas japonesas e magníficas lacas.

Vem depois a arte do Ocidente desde o século XI ao século XVIII e a arte Europeia dos séculos XVIII e XIX. O Museu oferece-nos neste capítulo, mais que qualquer outro no nosso país, um conjunto de obras distribuídas ao longo dos séculos documentando aspectos de arte que se estendem desde as formas artesanais como as tapeçarias, tecidos e paramentos, mobiliário, cerâmica e medalhística até às grandes formas puras da pintura e escultura.

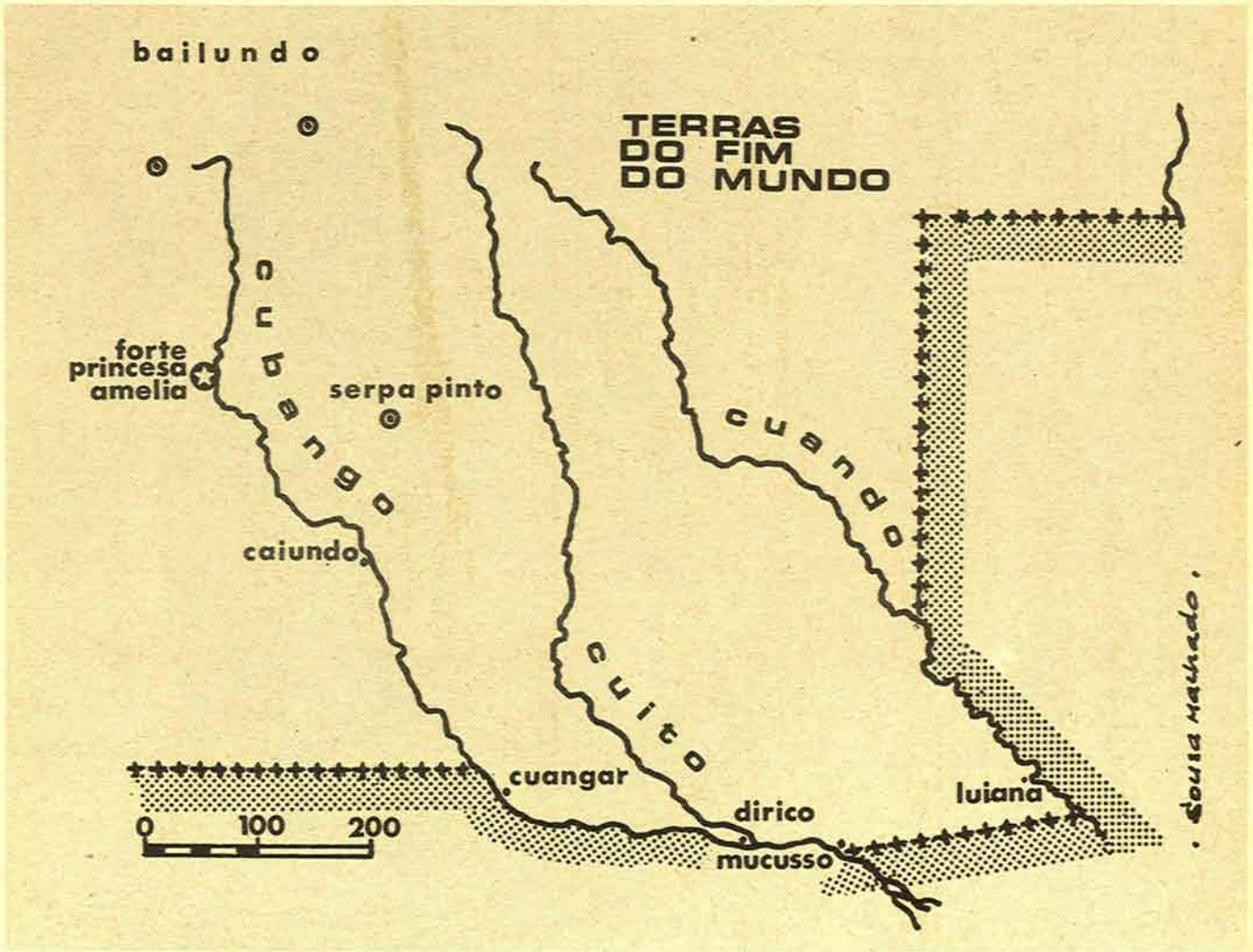
Estão lá representados nomes como Luca della Robbia, Pisanello, Van Eyck, Ghirlandaio, Rubens, Rembrandt, Van Dick, Frans Hals, Watteau, Fragonard, Boucher, Nattier, Quentin de La Tour, Gainsborough, Turner, Corot, etc., etc., que encheram a história da arte até aos fins do século passado, época em que artistas como Manet, Monet, Van Gogh e o escultor Rodin estão belìssimamente representados.

O visitante menos iniciado nestas coisas de arte tem ao seu dispor, em cada sala, pequenas monografias de uma ou duas folhas impressas (que pode levar) e que lhe darão uma visão da época ou período estético a que as obras pertencem, contribuindo assim para a sua compreensão. Quem dera que a ideia fosse seguida também nos restantes museus do nosso país onde às vezes nem sequer é possível colher uma simples informação.

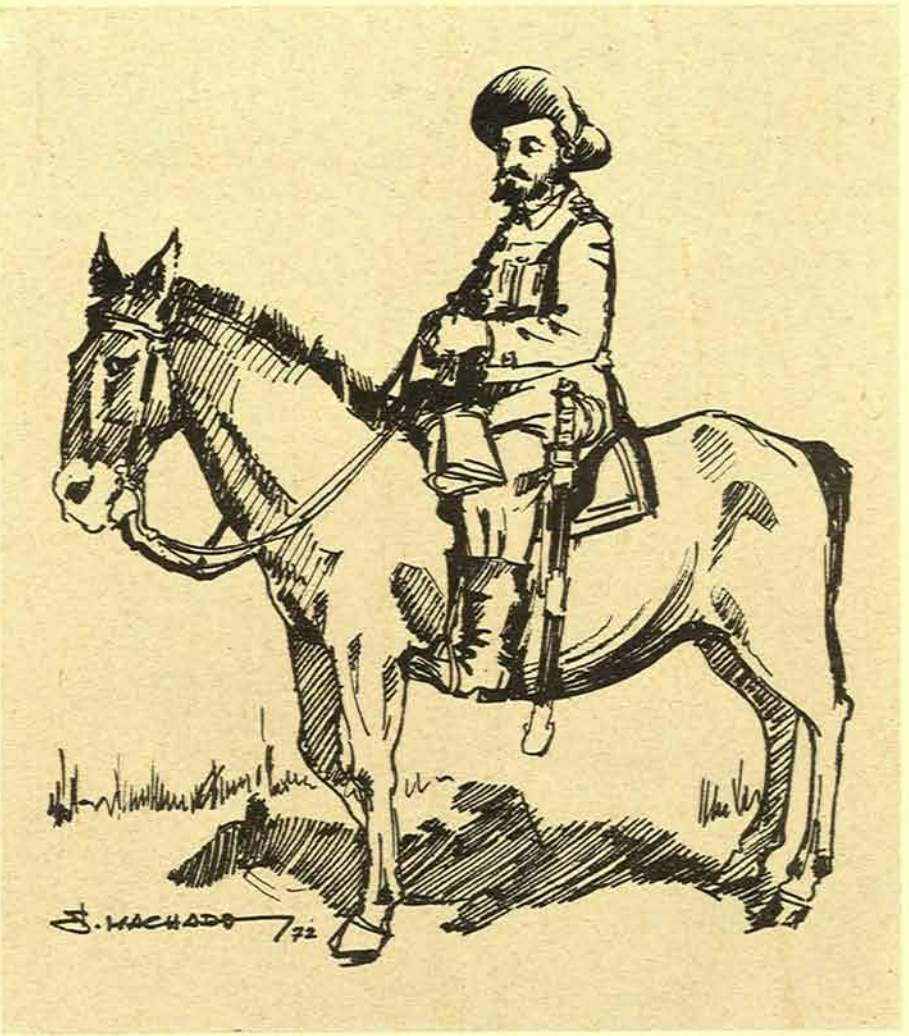
*O. Lemos*

# SILVA NUNES
## *comandante militar do Baixo Cubango*

Finada que foi a segunda metade do século dezanove, revelavam-se aos olhos duma Europa acordada para o colonialismo as promissoras, embora enigmáticas e misteriosas, terras das regiões centrais africanas. Os portugueses haviam desvendado e reconhecido todas as angras do continente, as embocaduras dos grandes rios, haviam dobrado os cabos, percorrido toda a costa, unindo sem dúvidas o ocidente com o oriente. Haviam mesmo subido alguns rios, entrando muitas léguas por terra dentro, alcançado o cotovelo do Níger onde floresceu a grande metrópole de Tomboctu. Mas de tudo começava a restar apenas uma que outra porção de litoral ocupada, contestados os respectivos direitos por uns, esbulhadas as posses reais por outros, vencendo sobretudo o esboço do conceito legal de ocupação como único princípio válido.



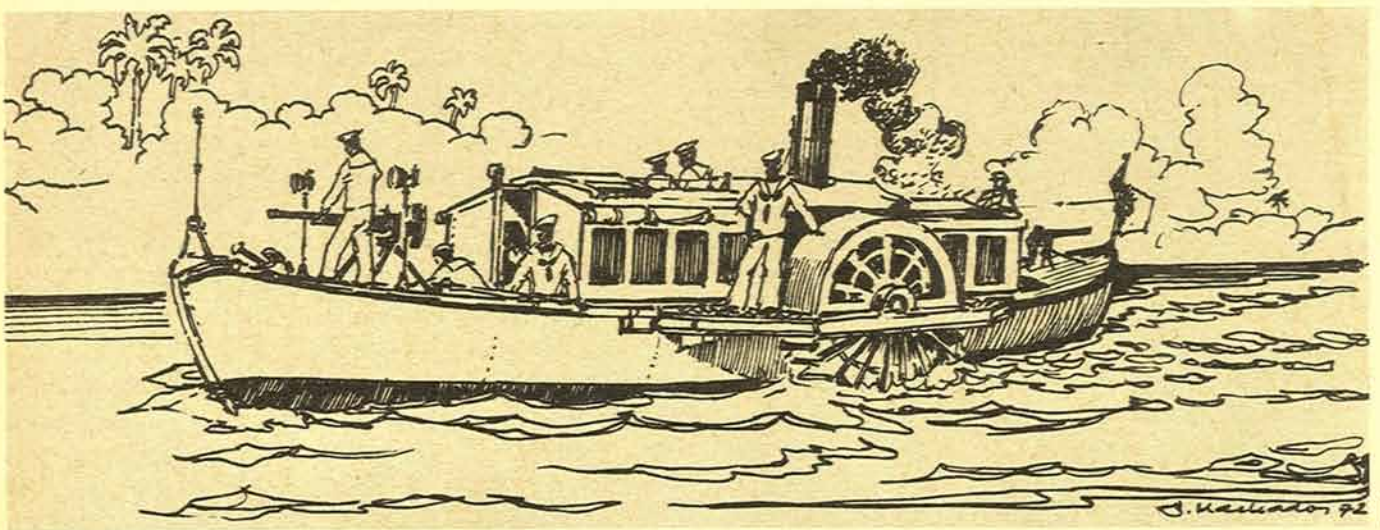
Na segunda metade do século dezanove as nações mais fortes apoiavam as grandes travessias de descoberta e reconhecimento, distinguindo-se o missionário inglês protestante Livingstone, o americano Stanley, o italiano Brazza. Cientìficamente, o objectivo era definir o curso dos grandes rios, descobrir as nascentes do Nilo, as bacias do Congo e do Zambeze. Mas polìticamente queriam desenhar-se fronteiras de domínios, donde, depois, pudessem retirar-se as riquezas fabulosas que haviam de suceder-se a essa outra já posta em declínio pela revolução industrial a alvorecer: o escravo.




Portugal nunca soube fazer grande reclame das suas realizações. Dos descobrimentos, o pouco que ficou escrito, quer em documento redigido, quer no desenho de cartografia, foi, na maior parte, obra de estrangeiros. Que os oficiais da Armada Hermenegildo Capelo e Roberto Ivens, e o oficial do Exército Alexandre Serpa Pinto tivessem também feito obra de valor na grande tarefa de desvendar o interior do misterioso continente, não foi tão explorado quanto o merecia a tenacidade, o rigor científico e a projecção da obra dos denodados investigadores. Mas algo ficou. Ficou-nos o direito moral de permanecer, não por todos os sertões onde a bandeira azul e branca das quinas fora içada por portugueses, mas até onde, sobretudo, outros portugueses teimavam continuar.

Silva Nunes foi um destes. Jaime Theodorico da Silva Nunes, 2.º tenente da Armada, desde jovem mordido por esse bichinho africano que a tantos derrama no sangue a paixão de servir naquelas terras, sofre o desgosto de encontrar, no regresso duma viagem de instrução, a notícia da morte da esposa, e de uma filha, que eram seus entes queridos. Parte, e quer partir para sempre, para a África que também amava. Para a África autêntica, dos confins, dos grandes espaços, das grandes distâncias, das grandes obras por fazer.

Bate-se em 1907 na ocupação do Cuamato. E logo nos anos seguintes, com essa extraordinária



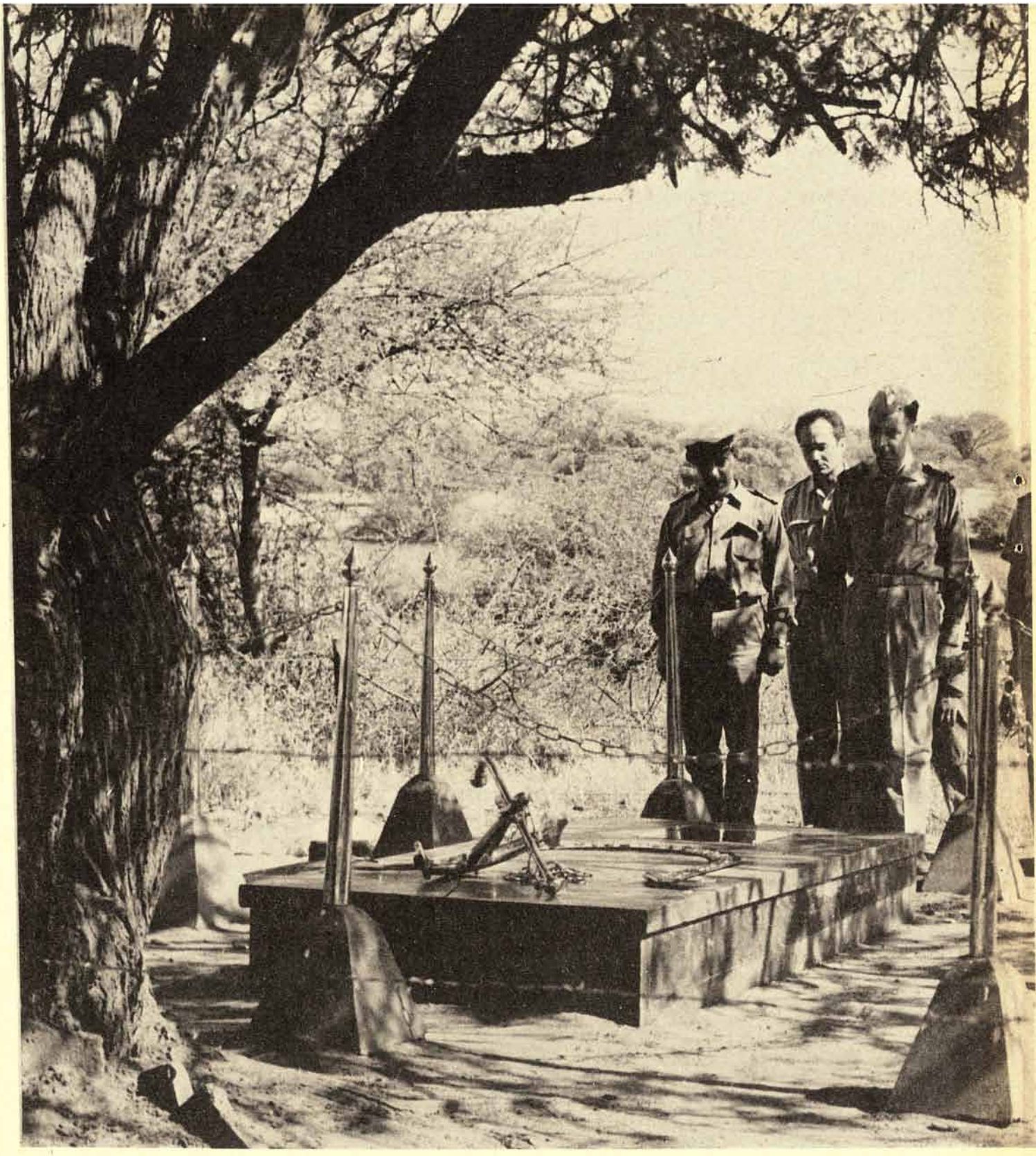


figura de homem e de militar, de engenheiro e de cartógrafo, de sertanejo e de homem de ciência que foi João de Almeida, no governo da Huila, é investido no comando da lancha Cunene, em serviço de polícia e fiscalização nesse grande rio do Sul. Mas o alvo mais distante de João de Almeida alcançava o Leste: queria garantir a ocupação do Baixo Cubango e do Baixo Cuito, que os alemães sobretudo não deixavam de cobiçar. A viagem, pouco mais que esporádica, embora científica e diplomática, de Paiva Couceiro às terras do Mucusso, deixando consigo um rasto de amizade, breve desapareceria da memória, e das marcas na areia solta daquelas terras nada restaria em pouco tempo se não fosse continuada a presença da gente lusitana com personalidade suficiente para se fazer querida e respeitada.

Foi essa a obra e o mérito de Silva Nunes.

Nomeado comandante militar do Baixo Cubango, Silva Nunes obtém do governador a transferência da lancha Cunene para o rio Cubango. Conseguindo mais duas lanchas a motor e outros quatro barcos de ferro propõe-se descer o grande rio do posto A, hoje Caiundo, até às terras de Cuanga-

res, Díricos e Mucussos. O grande rio, porém, é grande em extensão, não em profundidade das águas. De Dezembro a Março, mais ou menos, recolhendo os caudais duma bacia apreciável, eleva o nível de seis ou oito metros, submergindo margens, árvores e as grandes chanas do percurso, e ganhando ímpeto difícil de vencer por quem ouse cometê-lo a contra corrente. Porém nos outros meses é uma calma fita de água de oitenta ou cem metros de largura, de cor azul e águas transparentes, mas com palmo de água, se tanto, em inúmeras passagens de fundo rochoso e traiçoeiro. Nem sempre a formosura esconde um coração bondoso e amigo. E a lancha Cunene, depois de tão longa viagem por terra, não passa do posto A.

Com as restantes embarcações e canoas gentílicas, o jovem segundo-tenente percorre todavia o Cubango, estudando as pequenas passagens possíveis através dos rápidos: levanta os fundos, define enfiamentos, coloca marcas, abre caminhos removendo rochas do leito pedregoso. Aos poucos vai tornando o grande rio no sonhado caminho de abastecimentos desde a via carreteira às terras mais distantes.

Estava-se ainda a cinco anos do massacre do vale de Umpungo, além Cunene, onde catorze oficiais e trezentas praças haviam morrido às mãos dos Cuanhamas agitados e aguerridos. Ali encontrara a morte, ao lançar-se desesperado sobre a chusma de assaltantes, outro oficial da Armada, 28 anos cheios de promessas, o tenente João Roby. Não era, então, confortàvelmente despreocupada a circulação por aquelas terras.

O Comando militar do Cubango compreendia os fortes do Caiundo e do Cuangar. Era a tropa que erguia as defesas quadrangulares de terra batida, alguma pedra quando a havia, reforço de paus de mussibi e fosso em toda a volta. Ao pé do reduto assim fortificado distribuia-se a sanzala das praças indígenas, que viviam com suas mulheres, habitando ali também as criadas dos militares europeus, que faziam de tudo: cozinheiras, lavadeiras, enfermeiras, serviço informativo, serviço de intérpretes, aquisição de alimentos, e só permaneciam no interior fortificado do recolher ao nascer do Sol.

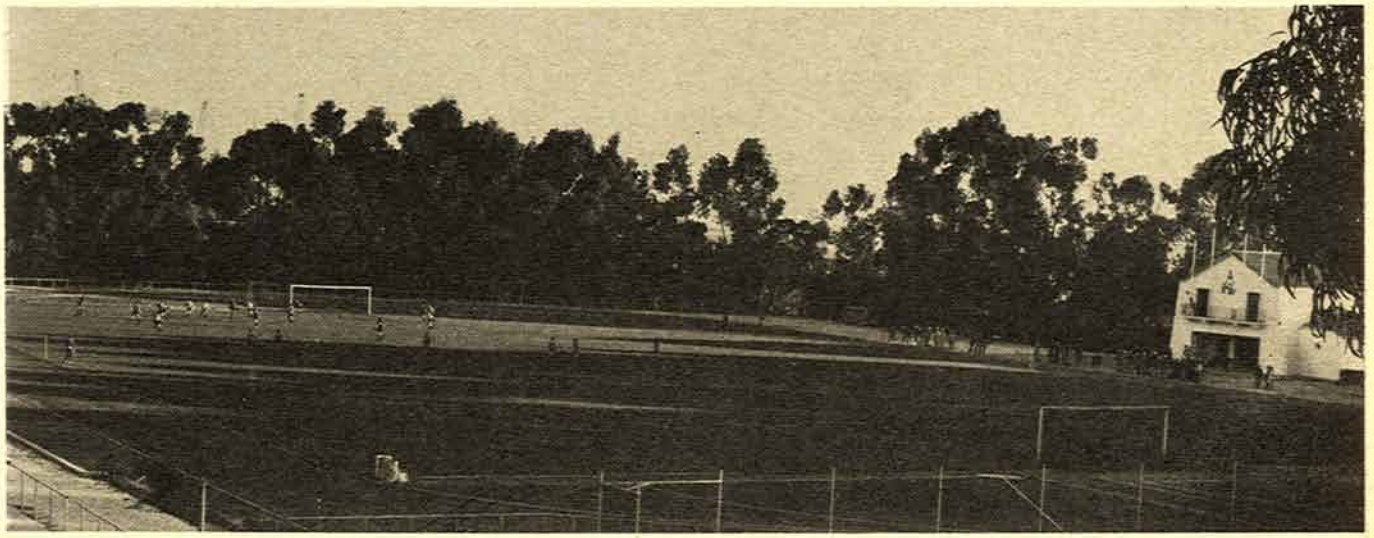
Em cada forte se mantinha uma granja agrícola, criava-se gado e procurava-se dos vizinhos que evoluissem no contacto e relações com os responsáveis pela soberania. Silva Nunes teve especial sucesso em todo o seu comando. Tanto conseguia dos seus marinheiros da Cunene que fosem bons soldados de infantaria como tropa a cavalo, ou auxiliares valiosos nos estudos fluviais, e dos sobas de toda a região, tão extensa como do Minho ao Algarve, fez amigos verdadeiramente dedicados e colaborantes onde assentou com segurança a portugalização das terras, indiscutida até hoje.

O amor e dedicação duma africana que o acompanhou na solidão de sem família, constituiu o exemplo duma total abolição de preconceitos, onde reside talvez o «pequeno» segredo duma permanência e continuidade que a muitos admira. Silva Nunes, o oficial da Armada que foi comandante militar em terras a mil quilómetros do litoral, ultrapassa o exemplo de cumprir, para se integrar todo ele numa figura simbólica: a do português que soube fazer daquelas terras um outro Portugal.

Morreu, no Cuangar, vítima de biliosa, sem sombra de médico a quem recorrer. Trinta e três anos, onde a Marinha de hoje – porque ainda há Marinha hoje, no Cuangar – lhe rende a homenagem duma lápida singela mas digna, cuidada com respeito. Silva Nunes pediu dispensa de aceitar o grau de Oficial da Torre e Espada por convicção de não ter prestado serviços que o tornassem digno de tal mercê. Mas não pode impedir que invoquemos a sua memória como um dos obreiros extraordinários das Terras do Fim do Mundo.

*S. Machado*

# FUTEBOL DESPORTO DE INVERNO



*Uma magnífica panorâmica do Estádio da Base Naval do Alfeite, um dos melhores relvados do país! Todos os jogos do Campeonato da Armada são aqui realizados. Na fotografia pode ver-se o Grupo N.º 1 de Escolas da Armada ao ataque, no jogo em que venceu a Direcção do Serviço de Abastecimento por 4-1.*

*G.1 E.A., um dos favoritos ao título. De pé, da esquerda para a direita: Pacheco, Gonçalves, Carlos, Martinho, Rodrigues Silva, Saraiva, Frazão, Coelho e Tito. De joelhos: Vigário, Morgado, Oliveira, Velez, António José, Morato e Ribeiro.*

*N.R.P. «Sacadura Cabral» que goleou as Construções Navais! De pé, da esquerda para a direita: Marote, Militão, Fernando, Sebastião, Óscar, Carvalho, Mário e Paulo. De joelhos: Amorim, Rodrigues, Ramussa, Martins, Serafim e Santos.*

*A equipa da D.C.N. De pé, da esquerda para a direita: Baptista, Reis, Pinho d'Almeida, Alexandre, Roque Martins e Cabrita. De joelhos: Martins, Leitão, F. Campos, Moreira e Vale.*

*D. S. Abastecimento. De pé, da esquerda para a direita: Aníbal, Vicente, Santos, Romeira, Delgado, Matias, Guerra e Agostinho. De joelhos: Leitão, Soares, Ramos, Lemos, Portela e Marques.*

# O C.N.O.C.A. NOS CAMPEONATOS FEDERADOS

*A equipa de voleibol. De pé, da esquerda para a direita: Loureiro, Meireles, Sequeira Alves, Prof. Freire (treinador), Santos Silva, Brazão, Perlouro e Cristiano. De joelhos: Guedes Soares, Almeida, Nélson, Fernandes, P. Saraiva e Melo Sousa.*

*A equipa de andebol de sete. De pé, da esquerda para a direita: Calado, Nascimento, Santarém da Cruz, Almeida, Sanches d'Oliveira (treinador), Anaia e F. Cruz. De joelhos: Anselmo, Silva Castro, Teixeira da Silva, Rodrigues e Brazão.*

## Campeonato de Futebol da Armada

Principiou a disputar-se no passado dia 7 de Janeiro o Campeonato de Futebol da Armada. Inscreveram-se catorze equipas que foram divididas em duas séries assim constituídas:

**Série A**

Comando de Segurança e Defesa do Edifício do Ministério da Marinha (C.S.D.M.); Direcção do Serviço de Abastecimento; Direcção do Serviço de Armas Navais; Esquadrilha de Submarinos; Flotilha de Patrulhas; Grupo N.º 1 de Escolas da Armada e Grupo N.º 2 de Escolas da Armada.

**Série B**

Base Naval de Lisboa; Direcção das Construções Navais; Escola de Fuzileiros; Escola Naval; N.E. «Sagres»; N.R.P. «Afonso de Albuquerque» e N.R.P. «Comandante Sacadura Cabral».

Dentro de cada série, a prova é disputada no sistema de «poule», sendo apuradas as duas equipas melhor classificadas. As quatro equipas finalistas disputarão em seguida as meias finais, sendo a equipa campeã encontrada numa final.

Os jogos têm-se realizado no Estádio da Base Naval do Alfeite, registando-se até ao momento os resultados seguintes:

Série A

G.2E.A., 0 – G.1E.A., 1
Esq. Submarinos, 0 – D.S.A., 3
G.2E.A., 3 – D.S.A.N., 1
C.S.D.M., 0 – Flot. Pat., 1
G.1E.A., 4 – D.S.A., 1

Salientem-se as duas excelentes vitórias do Grupo N.º 1 de Escolas da Armada, que lhe conferem o favoritismo nesta série.

Série B

N.R.P. «S. Cabral», 0 – N.E. «Sagres», 2
D.C.N., 0 – N.R.P. «Af. Albuquerque», 3
B.N. Lisboa, 2 – Escola Naval, 1
N.R.P. «S. Cabral», 7 – D. C. N., 1
N.E. «Sagres», 5 – Escola Fuzileiros, 1
B.N. Lisboa, 1 – N.R.P. «Afonso Albuq.», 1

Como factores mais relevantes registem-se as duas vitórias da «Sagres», sendo uma delas frente à Escola de Fuzileiros e pela margem de 5-1, e a goleada (7-1) infligida às Construções Navais pelo N.R.P. «Comandante Sacadura Cabral», até agora o resultado mais expressivo do Campeonato. Entretanto, na série A, a Esquadrilha de Submarinos desistiu do Campeonato.

## Actividades do C.N.O.C.A.

Terminou o Campeonato Regional da 1.ª Divisão de Andebol, no qual o C.N.O.C.A. se classificou em 6.º lugar com o mesmo número de pontos do 5.º classificado. Nalguns jogos, houve uma certa dose de infelicidade aliada à falta de preparação física, o que não permitiu atingir uma classificação mais de harmonia com o valor da turma.

As equipas de voleibol e râguebi têm conseguido excelentes resultados nos respectivos campeonatos se atendermos ao facto de serem secções recentes no clube. Especialmente o râguebi tem registado algumas saborosas vitórias que nos permitem acalentar fundadas esperanças nesta salutar modalidade que começa a ter no nosso país um surto de espectacular desenvolvimento.

*P. Caeiro*

## *RECORDAÇÕES DE SEMPRE*

Na parte Oeste do cais do porto de Setúbal há, junto ao edifício da lota, um recanto sossegado onde se recolhem as embarcações de pesca.

Não sou um misantropo. Mas gosto de ir em noites luarentas até à parte do cais que vos citei. Ali especado sobre a muralha, perco-me no tempo, olhando e escutando tudo o que me rodeia: o rio prateado e manso correndo esquecido ao encontro dum mar que o espera de braços abertos; as ondas embaladas nos braços das musas, desfazendo-se e espumando sonhos contra a muralha; as embarcações, muito airosas, adormecidas como Deuses no Olimpo...

Pois foi ali, naquele local, que uma noite destas, me aconteceu recordar o que ninguém me contou:

Foi há anos atrás quando eu era menino, numa altura em que bem longe de mim andava o pensamento de poder vir a ser marinheiro como sou.

«Certo dia em que navegávamos pelo abismo do Mar dos Sargaços, rumo aos Açores, fomos colhidos por demoníaco temporal.

«Eram cerca das oito horas da manhã e toda a guarnição estava nos seus postos para o que desse e viesse. O céu tinha um ar ameaçador, cor de chumbo-velho. O navio a todo o pano navegava sobre um mar de fúria. As vagas enormes metiam medo e o vento soprava forte por entre uma chuva de dilúvio. À voz do imediato dando ordens, os mais afoitos trepavam aos mastros a fim de rizar o pano, o que não conseguiram por ser demasiado tarde; a chuva lembrava lâminas cortando o massame. Não havia mãos que segurassem o leme desgovernado.

«Quando mais tarde tudo parecia acalmar, um brado rouco e angustioso rasgou os ares: – Homem ao mar!... A bombordo, cerca de meia nau!

«Não sei o que senti. Quando dei por mim estava também no seio daquele inferno. Era necessário que alguém tentasse a salvação daquela vida, lancei-me naquele inferno, e após algumas braçadas, dadas com raiva, consegui apanhá-lo. Depois foi só deixar-me arrastar por um cabo, que havia sido lançado na nossa direcção.

«Nem sentia o vento nem a chuva que me açoitavam o rosto. Não me sentia a mim mesmo, sentia sim, a satisfação de ter cumprido o meu dever de homem e de marinheiro.

«Passados alguns dias chegámos à ilha do Faial. Nós e o navio havíamos sofrido muito, mas que interessava isso afinal?...»

Vale a pena recordar e... vale a pena ser marinheiro!

*J. Mendes*
*Mar. E*

---

## *DIRECÇÃO DE FARÓIS*

Desde a primeira edição da «Revista da Armada» que sou um fervoroso leitor e tenho apreciado todas as reportagens e eventos que fazem parte integrante de uma vida militar muito «sui géneris» que dá pelo nome de Marinha de Guerra Portuguesa.

Vai para três anos que me encontro integrado em tão complexo e vasto ramo militar. Acontece que sou da incorporação de Janeiro de 1969, na qualidade de Recrutado e tendo que servir a Armada por um tempo mínimo de quatro anos.

Desde que foi lançada a ideia da criação de uma nova revista, logo surgiram os detractores e derrotistas inconscientes que tentavam minimizar um esforço em favor de muitos homens que orgulhosamente prestam serviço nas fileiras da nossa Armada. Eu acarinhei em pensamento o novo lançamento de mais uma publicação. E surgiu o primeiro número e numa Nota de Abertura bem elaborada senti-me coagido a colaborar, embora que modestamente.

Passaram-se dias, meses e o meu mutismo continuava no que concerne à minha participação activa.

Hoje, porém, enchi-me de coragem e decidi-me a escrever algo que possa ter passado despercebido aos meus camaradas.

Encontro-me actualmente a prestar serviço na Direcção de Faróis e foi por mero acaso que fui para aqui destacado. Sinceramente não sabia da existência de tal organismo. Fiquei radiante com o seu movimento e aqui me encontro desde Março de 1970. Estou, portanto, mais ou menos habilitado a tecer algumas considerações sobre a actividade profissional e militar deste recanto sossegado. Situado na Costa do Sol, mais pròpriamente em Paço de Arcos, este organismo está directamente subordinado à Direcção-Geral dos Serviços de Fomento Marítimo e funciona como uma grande empresa que supervisiona o bom andamento de todos os faróis e farolins do Continente, Madeira e Açores. Essas luzes, quais sentinelas atentas e vigilantes, dão o enfiamento correcto das rotas de navegação. Muitas pessoas trabalham anónimas para o bom desempenho do sempre crescente intercâmbio marítimo. Os faroleiros, esses desconhecidos, agem na penumbra, quantas vezes isolados, para que os navios trilhem as linhas de navegação mais convenientes.

Em todas as condições atmosféricas, esses homens são abnegados e humildes. Espalhados pela nossa orla marítima continental e insular, existem mais de uma centena de faróis e farolins.

Mesmo em frente da Direcção, pode divisar-se o farol do Bugio, sentinela vigilante e monumento de uma época um pouco longínqua para os jovens de hoje.

É este, sem dúvida, o verdadeiro «ex-libris» desta actividade altruista. Imagino a alegria que devem sentir os meus camaradas quando regressam

de longa comissão e avistam os seus clarões!

*Alves*
*Mar. L*

---

*De José da Costa Florém (O Fadinhos), ex-marinheiro-monitor n.º 6490 – Reserva Naval 2972:*

«Matosinhos, 31-12-971.

«À minha gloriosa Marinha de Guerra Portuguesa.

«É com o coração despedaçado e com lágrimas nos olhos que me despeço de ti.

«Enquanto pertenci à Reserva Naval vivia como se a ti pertencesse, mas como vou fazer 42 anos passo às tropas territoriais.

«Lamento sinceramente ter-te deixado ainda jovem e quando o futuro me sorria. Tu sempre foste minha amiga e proporcionaste-me os dias mais belos da minha vida.

«Bem sabes que sempre te amei e tudo fiz para te honrar.

«Viverás sempre no meu coração. Muito longe de ti não estarei, pois pertenço como sabes à Marinha Mercante e vejo-te sempre a meu lado.

«Um adeus para sempre do teu fiel servidor.»

---

*De Agostinho, 2.º gr. L n.º 2802/70:*

«Alfeite, 16 de Janeiro de 1972.

«Com o devido respeito, e na tentativa simples e desinteressada de colaborar na «nossa» Revista, venho incluso remeter um pobre poema de minha autoria, cujo não sei se será merecedor de figurar na «Revista da Armada».

«Não ficarei de qualquer modo aborrecido se o mesmo for preterido, no entanto agradecia me informassem, se possível, se poderei enviar em qualquer altura mais poemas ou artigos.»

---

N. R. – *A colaboração recebida será publicada. Conforme solicita, informamos que poderá enviar toda a colaboração que desejar, que será bem vinda.*

---

*De Carlos Manuel da Silva Crachat:*

«Porto de Mós, 13-1-72.

«Fiquei imensamente feliz ao descobrir, na papelaria da minha Vila, uma revista que falasse de acontecimentos da Marinha. Comprando a única revista que havia, a número 3, fiquei esclarecido sobre assuntos que tinha em dúvida, e não só isso como achei a revista maravilhosa para quem se interessa tanto sobre os acontecimentos da Marinha, como eu.

«Assim, desejo imensamente ficar assinante da Revista, o que segundo informações vindas na Revista n.º 3 envio, junto a esta carta, a quantia de 24$00 em selos, para ficar assim a ser um assinante anual.

«Como a Revista que eu tenho é de Dezembro último, espero que me mandem não só os números atrasados como os que tenham porventura saído depois do número 3.»

---

# notícias pessoais

## *CASAMENTOS*

1.º ten. FZ – Alberto Rebordão de Brito, casou, em 1-12-71, com D. Maria Conceição de Sousa Martins Ribeiro.

2.º ten. – José Manuel Guerreiro Brou, casou, em 20-12-71, com D. Maria Helena de Almeida e Brito Lamas.

2.º ten. – Jorge Alberto Araújo Cunha Serra, casou, em 20-12-71, com D. Maria Luiza Figueiras Guimarães da Costa.

2.º ten. FZE RN – Francisco Ruy Pato de Góis Oliveira, casou, em 4-12-71, com D. Maria Cândida Morgado Simões.

Subten. RN – José de Araújo Guedes, casou, em 11-12-71, com D. Maria Aldina de Sá Oliveira.

Subten. RN – João Fernando Pontes Amaro, casou, em 11-12-71, com D. Maria Madalena Pereira Martinho.

2.º sarg. L – Gonçalves, casou, em 19-11-71, com D. Maria L. T. do N. Gonçalves.

5884/cUS – Pereira, casou, em 5-11-71, com D. Maria José M. de O. Pereira.

565/64/c L – Corte, casou, em 6-11-71 com D. Maria Celeste F. L. Corte.

1010/65/mar. M – Martins, casou em 27-11-71, com D. Inês Maria F. Martins.

1225/69/mar. TFC – Rodrigues, casou, em 28-11-71, com D. Ana Maria Silva Coutinho.

1473/66/mar. FZ – Carvalho, casou, em 21-11-71, com D. Esmeralda P. L. C. Carvalho.

1905/68/1.º grt. C – Pereira, casou, em 14-11-71, com D. Joaquina S. Parreira.

---

## *PASSAGENS À RESERVA*

Comodoro MN – Armando Silva Xavier, passou à Reserva Aa em 29-11-71

Sarg. aj. A – José M. F. Araújo, passou à Reserva Aa em 3-12-71.

Sarg. aj. ACM – Afonso L. Cortes, passou à Reserva Aa em 16-12-71.

Sarg. aj. A – Mário E. A. Lopes, passou à Reserva Aa em 17-12-71.

Sarg. aj. A – Humberto R. Neto, passou à Reserva Aa em 17-12-71.

Sarg. aj. L – Joaquim da C. Simões, passou à Reserva Aa em 17-12-71.

1.º sarg. A – Luís António, passou à Reserva Aa em 7-12-71.

416/c A – José B. Morão, passou à Reserva Aa em 7-12-71.

---

## *FALECIMENTOS*

1.º ten. SG Ref. – José Francisco Martins, faleceu em 26-12-71.

1.º ten. MN Ref. – Augusto da Fonseca Júnior, faleceu em 2-1-71.

1.º ten. SG RAa – Carlos de Oliveira, faleceu em 5-1-72.

1.º ten. SG Ref. – José Maria Penas, faleceu em 13-1-72.

Asp. FZ RN – Roque Gomes dos Santos, faleceu em 6-1-72.

141/70/1.º grt. FZE – Manuel João Pinheiro de Oliveira, faleceu em 29-11-71.

# filatelia

*Sobre a criação de uma secção de filatelia na nossa Revista, sugerida pelo 2.º grumete António V. Pinto, conforme carta publicada na «Voz da Abita» do n.º 4, e de quem aguardamos colaboração, recebemos do 2.º ten. SG Fernando Gama Brandão uma carta e um apontamento acerca daquela matéria, que a seguir se publicam.*

«Vila Franca de Xira, 24-1-72.

«(...) Com a chegada às minhas mãos do número 4 da Revista que V. Ex.ª dirige, para já com belíssima apresentação gráfica e fotográfica, como velho marinheiro, não quero deixar para mais tarde a obrigação de o felicitar.

«(...) No último número, apareceu uma sugestão feliz, para a criação de uma secção dedicada à filatelia, logo aceite e, para mim muito bem, pela Redacção. Na verdade, sei que na Armada há filatelistas em grande número e, alguns com boas colecções, desde o mais modesto grumete a almirantes ilustres, mas dispersos e, desconhecendo-se filatèlicamente. Seria realmente interessante se a Revista conseguisse um contacto entre esses coleccionadores, contacto que seria proveitoso para todos, pois possibilitaria a valorização da colecção de cada um e mais, a criação de novas amizades. «Da minha parte, além das felicitações que endereço ao autor da ideia e à Redacção, pela nota que ela mereceu, como filatelista, ponho-me ao dispor para colaborar na secção.

«Junto uma pequena e modesta nota filatélica que, se for aceite, será seguida de outras. (...)»

---

## APONTAMENTO SOBRE FILATELIA

A filatelia é o gosto por tudo o que se relaciona com os selos postais. Além de passatempo, tornou-se nos nossos dias uma autêntica ciência, já que requer dos coleccionadores observações cuidadas e estudos permanentes.

Serve mesmo nos nossos dias para realçar belezas, feitos, monumentos, etc., como veículo de propaganda e sobretudo de instrução.

O primeiro selo postal que circulou no Mundo apareceu no ano de 1840, na Inglaterra e ficou a dever-se a Sir Howland Hill.

Em Portugal, apareceu pela primeira vez no reinado de D. Maria II, mais precisamente no ano de 1853. Foram emitidos quatro valores, com cor diferente para cada, sem denteado e, naturalmente, com algumas falhas e erros nomeadamente na inconstância das cores e nos tipos de papéis utilizados. Tinha como figura principal a Rainha, em relevo, e deles foram feitas quatro reimpressões, a primeira das quais ainda dentro desse ano e as restantes em 1864, 1885 e 1905. Estas reimpressões, embora belas, confundem-se muitas vezes com a primeira edição em alguns pormenores, mas são menos valiosas, o que leva muitos coleccionadores menos cuidadosos a julgarem ter em seu poder preciosidades como são considerados os selos da primeira edição.

Na mesma altura, nos arquipélagos da Madeira e dos Açores circularam os mesmos selos da Metrópole, o que aliás acontece actualmente, mas tempos houve em que estes arquipélagos tiveram selos privativos.

Nas Províncias Ultramarinas, só apareceram alguns anos depois, e não simultâneamente. Assim, em Cabo Verde surgiram em 1877, na Guiné em 1881, em S. Tomé em 1869, em Angola em 1870, em Moçambique em 1876, na Índia em 1871, em Macau em 1884 e em Timor em 1886. Nestes selos das províncias ultramarinas não apareceu como tema principal a figura do monarca reinante. Aliás, nos selos metropolitanos este princípio foi interrompido em 1886 com um selo destinado apenas à circulação de jornais e, novamente em 1894, com o aparecimento da primeira série comemorativa – bem significativa para nós marinheiros – do 5.º Centenário do Nascimento do Infante D. Henrique.

Este facto merece-nos um interesse especial, que será tema em próxima oportunidade.

*G. Brandão*

**TRADICIONAIS CUMPRIMENTOS DE FIM DE ANO**

# reportagem

No último dia de 1971, reuniram-se no Gabinete do Ministro da Marinha, o Chefe do Estado Maior da Armada, Vice-Almirante Ornelas e Vasconcelos e os oficiais generais em serviço no Continente a fim de apresentarem as habituais saudações de fim de ano àquele membro do Governo e os votos de prosperidades pessoais e da Corporação para o ano de 1972.

## ALGUNS ASPECTOS DA VISITA DO MINISTRO DA MARINHA À PROVÍNCIA DE MOÇAMBIQUE

Durante a sua estadia na Capital da Província o Ministro da Marinha visitou as instalações do Comando Naval, do Depósito Central Territorial e do Aquartelamento de Fuzileiros, na Machava, onde assistiu à Festa do Natal do pessoal da Armada e suas famílias.

Em Metangula, só o tempo não se quis associar à recepção condigna que tinha sido preparada pois choveu abundantemente na manhã da chegada. O Ministro

da Marinha efectuou uma visita detalhada às instalações da Base e mais tarde assistiu a uma Sessão Recreativa e à distribuição de prendas às crianças presentes. Do noticiário dali recebido, transcreve-se a parte final:

«Um Natal de 1971/72 certamente bem diferente dos Natais da Metrópole (só a chuva e as prendas se poderiam apelidar de «também metropolitanas»), mas nem por isso um Natal triste ou sem dinamismo festivo. Pelo contrário.

Esse dinamismo e alegria ganharam evidentemente novas forças com a circunstância agradável da visita de Sua Excelência o Ministro da Marinha.»

## MEMBROS DO GOVERNO DO SECTOR DAS OBRAS PÚBLICAS VISITAM INSTALAÇÕES DA ARMADA NA MARGEM SUL

O Ministro das Obras Públicas, Eng. Rui Sanches, e o Secretário de Estado da mesma pasta, Eng. Pinto Eliseu, efectuaram no dia 19 de Janeiro uma visita de trabalho a diversas instalações do Comando Naval do Continente.

Recebidos e acompanhados pelo Ministro da Marinha, Chefe do Estado Maior da Armada, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, Comandante Naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro, Superintendente dos Serviços do Material, contra-almirante Santos e Silva, e por outros oficiais e individualidades, aqueles membros do Governo ouviram explicações sobre as infraestruturas do complexo naval do Alfeite, visitaram a Estação Naval, Base, Arsenal e várias outras instalações. No decurso das explicações feitas foram apresentados como problemas capitais a projectada construção de um hospital que serviria todo o pessoal da Armada e famílias que habitam naquela margem e que constitui cerca de dois terços do contingente da Corporação e ainda a necessidade prémente da construção de uma base para os navios que não cabem nas dimensões já escassas da actual.

## O ESCOLTADOR FRANCÊS «PROTET» VISITA LOURENÇO MARQUES

De 16 a 19 de Dezembro escalou o porto de Lourenço Marques o escoltador «Protet» da Marinha Francesa, em visita de rotina. À guarnição deste navio, de tipo igual ao da fragata «Comandante João Belo» foram oferecidos passeios e diversões tendo sido também disputado um desafio de futebol com uma equipa do Comando Naval.

## A BANDA DA ARMADA MARCA BOA PRESENÇA NO TEATRO DA TRINDADE

Sob a direcção do seu maestro, capitão-tenente Marcos Romão, a Banda da Armada iniciou a sua colaboração nos concertos dominicais no Teatro da Trindade. Assim, no terceiro domingo de Janeiro, teve actuação de muita valia perante público numeroso e interessado, executando excelentemente os números que compunham o seu programa, com destaque especial para o 1.º sargento músico Emídio Coutinho que, em solo, interpretou uma versão de belo efeito musical da obra de Rimsky Korsakov «Concerto para Trombone e Banda».

Premiada com prolongados e significativos aplausos e cedendo à insistência do público a Banda executou ainda um bailado popular da autoria de Frederico de Freitas, encerrando deste modo mais uma brilhante actuação.

## A POLÍCIA MARÍTIMA RECEBE O SEU NOVO COMANDANTE E PRESTA HOMENAGEM AO CESSANTE

Em 17 de Janeiro teve lugar a cerimónia da transmissão do comando do Corpo da Polícia Marítima do capitão-de-fragata Pimentel Saraiva para o capitão-tenente Alpoim Calvão.

Presidiu ao acto o Intendente das Capitanias, comodoro Malheiro do Vale, e assistiram várias individualidades bem como toda a Corporação da Polícia Marítima e delegações da Corporação de Pilotos e da Direcção-Geral de Segurança.

No dia seguinte e continuando a tradição daquela Corporação, foi promovido um almoço de despedida ao comandante Pimentel Saraiva, que reuniu mais de cem comensais.

Aos brindes falaram várias pessoas, entre as quais o jornalista José Salsa, do jornal «O Século», em seu nome e no de Fernando Alegrim da redacção do jornal «Diário de Notícias», que há muitos anos fazem serviço junto daquela Polícia.

## ALUNOS DO INSTITUTO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA EM VISITA DE ESTUDO AO LABORATÓRIO DE FÍSICA E ENGENHARIA NUCLEARES

Os cursos Superiores e Geral Naval de Guerra visitaram no passado dia 18 de Janeiro o Laboratório de Física e Engenharia Nucleares, departamento técnico-científico da Junta de Energia Nuclear.

Foram acompanhados pelo Director daquele estabelecimento de ensino superior da Armada, contra-almirante Sequeira Araújo, subdirector, comodoro Luciano Bastos e por um dos professores daqueles cursos, capitão-de-mar-e-guerra Pires da Cunha, tendo sido recebidos pelo Presidente da Junta de Energia Nuclear, capitão-de-fragata Soeiro de Brito e pelo Director-Geral do Laboratório, dr. Carlos Cacho.

Depois de uma exposição sobre a organização, estrutura e atribuições da Junta de Energia Nuclear os alunos efectuaram uma demorada visita às instalações.

## 50 ANOS DEPOIS DA 1.ª LIGAÇÃO AÉREA LISBOA - RIO DE JANEIRO

O Ministro da Marinha recebeu no seu Gabinete no passado dia 17 de Janeiro a Comissão Nacional das Comemorações do Cinquentenário da Primeira Viagem Aérea Lisboa - Rio de Janeiro.

É presidida pelo contra-almirante Sarmento Rodrigues e dela fazem parte como vogais o comodoro Malheiro do Vale, representante do Ministério da Marinha, o prof. dr. Luís de Albuquerque, da Universidade de Coimbra, representante do Ministério da Educação Nacional, o eng. Vitor Veres, da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil, o dr. Caetano de Carvalho, Director-Geral da Cultura Popular e Espectáculos, o brigadeiro Ivo Ferreira e coronel Vaz Nunes, representantes da Secretaria de Estado da Aeronáutica, o prof. dr. Adriano Moreira, Presidente da Sociedade de Geografia, o eng. Vaz Pinto, Presidente do Conselho de Administração dos Transportes Aéreos Portugueses e o capitão-de-fragata Teixeira da Mota, representante do Ministério do Ultramar.

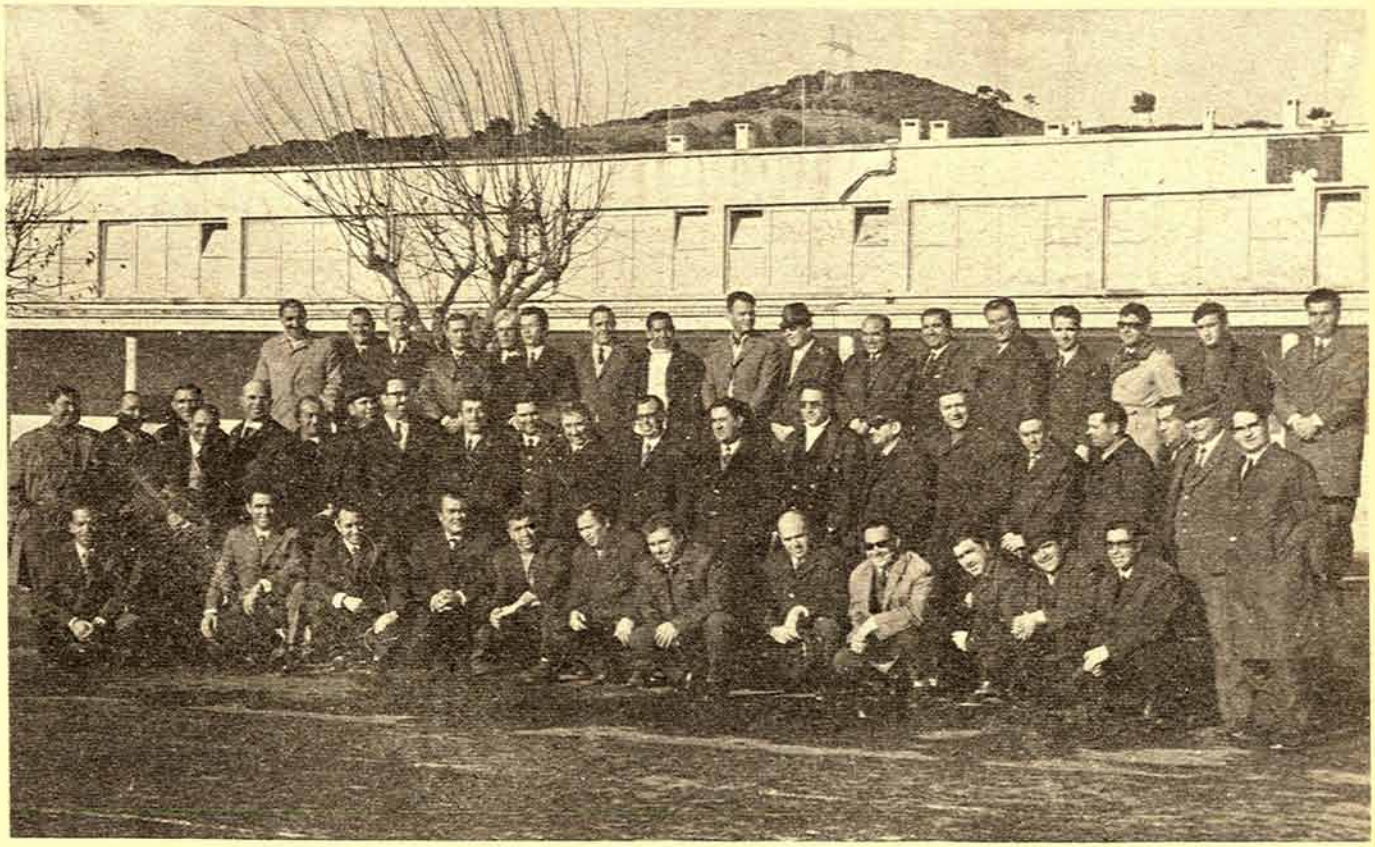
As comemorações decorrerão de 30 de Março a 17 de Junho, datas do início e termo do histórico empreendimento.

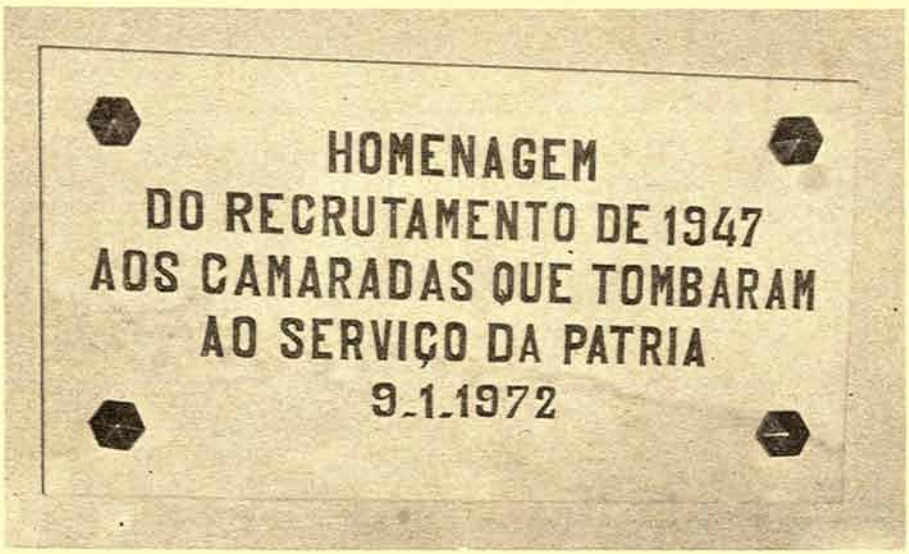
## RENDIÇÃO NA PRESIDÊNCIA DA JUNTA NACIONAL DE FOMENTO DAS PESCAS

No dia 12 do passado mês de Janeiro o contra-almirante Alves Lopes, depois de ter tomado posse perante Sua Excelência o Presidente do Conselho das funções de Presidente da Junta Nacional de Fomento das Pescas, fez a sua apresentação no Gabinete do Ministro da Marinha onde, na mesma cerimónia, o contra-almirante Henrique Tenreiro se despediu por haver deixado de exercer aquele cargo.

O lugar de Vice-Presidente daquele organismo, anteriormente ocupado pelo actual Presidente, passa a ser desempenhado pelo capitão-de-fragata AN Tomaz Cancela.

## COMEMORAÇÃO DO 25.º ANIVERSÁRIO DO RECRUTAMENTO DE 1947






Os recrutas de 1947 comemoraram as bodas de prata com o descerramento de uma lápida na Escola de Alunos Marinheiros, homenageando assim os seus camaradas que ao serviço da Pátria deram a vida.

A convocação para esta reunião foi feita por uma comissão organizadora por meio de uma circular, donde extraímos:

«Caro "Filho da Escola

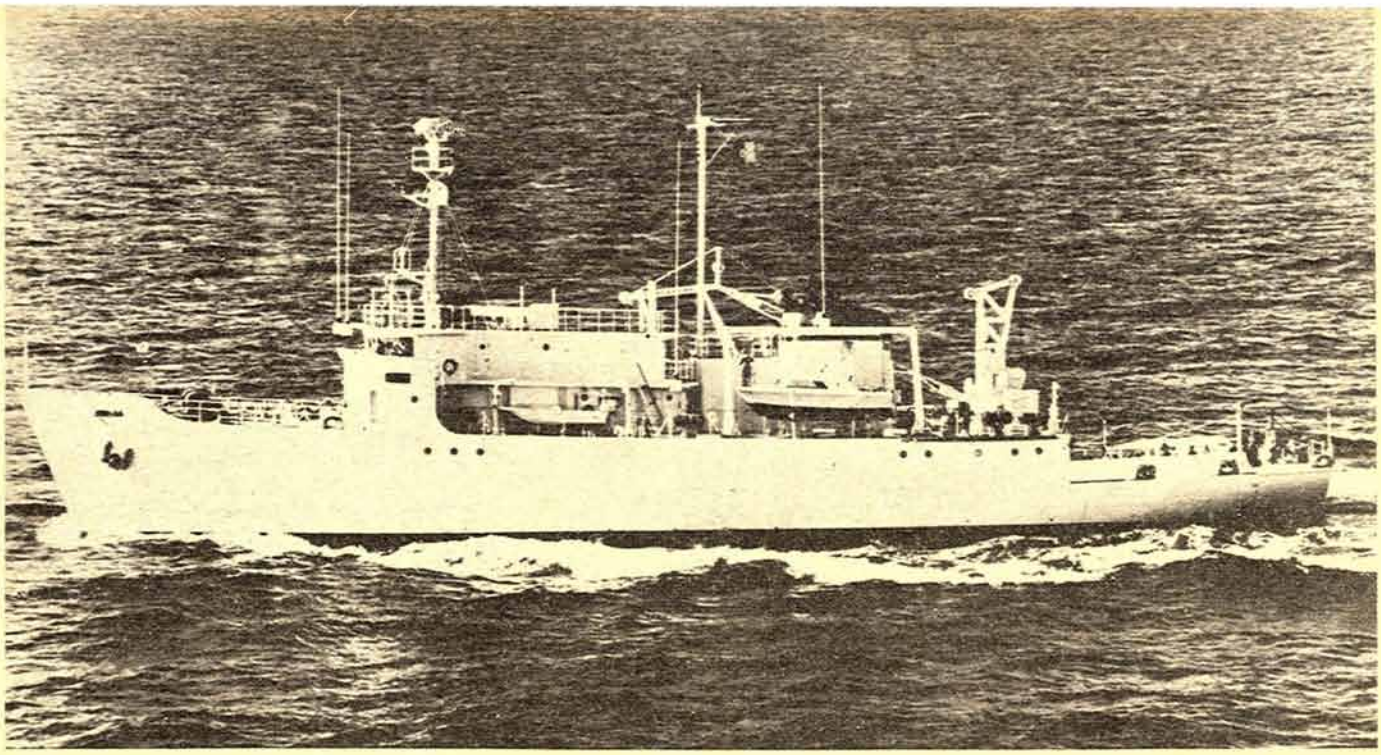
«Ao endereçar-te os melhores votos de felicidade, queremos recordar que no próximo mês de Janeiro se completam vinte e cinco anos em que tivemos a honra de envergar pela primeira vez a gloriosa farda da Armada.

«Durante duas décadas e meia, este brioso recrutamento pulverizou-se de tal forma que hoje, mercê de circunstâncias várias, vamos encontrar em todos os sectores da vida um "Filho da Escola" perfeitamente compenetrado no seu labor quotidiano, tendo sempre presente e labutando por aquela imorredoura honra a que jurámos fidelidade: A PÁTRIA HONRAI QUE A PÁTRIA VOS CONTEMPLA.

«É pois, dentro deste espírito cívico e patriótico, que pretendemos celebrar o vigésimo quinto aniversário do nosso alistamento, cientes de que tu e todos os "Filhos da Escola" marquem com a sua presença um testemunho que foi sempre timbre do recrutamento de de 1947: valor, lealdade e mérito.

«O programa desta reunião de confraternização, a celebrar no dia 9 de Janeiro próximo, está em princípio esquematizado (...).»

*(Colaboração de D. M. Silva – 2.º sarg. R)*



## ASSEGURADA A CONTINUIDADE DOS TRABALHOS DE INVESTIGAÇÃO OCEANOGRÁFICA E DE APOIO CIENTÍFICO ÀS PESCAS

Mercê da cedência pelos Estados Unidos da América ao nosso País, a título de empréstimo não oneroso, de um navio hidrográfico, vão manter a sua continuidade os trabalhos que já se vinham realizando desde 1962 no campo da investigação oceanográfica e de apoio científico às pescas.

A nova unidade que recebeu o nome de «Almeida Carvalho» é um navio de 63,5 metros de comprimento, desloca 1300 toneladas e tem de autonomia 12 000 milhas.

Foi entregue à Armada Portuguesa no dia 21 de Janeiro e está prevista a sua chegada por todo o mês de Março.

O seu comandante é o capitão-tenente Lobo Fialho e tem uma guarnição de 5 oficiais e 25 sargentos e praças, podendo ainda alojar 10 cientistas.

## O CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA MARINHA AMERICANA CUMPRIMENTA O MINISTRO DA MARINHA

Durante a sua estadia em Portugal a fim de visitar o COMIBERLANT e outras instalações da NATO no nosso País, o Almirante Zumwalt Jr. efectuou na manhã do dia 25 de Janeiro uma visita de cumprimentos ao Ministro da Marinha em que foram trocadas impressões acerca das marinhas dos dois países e respectivos interesses comuns.

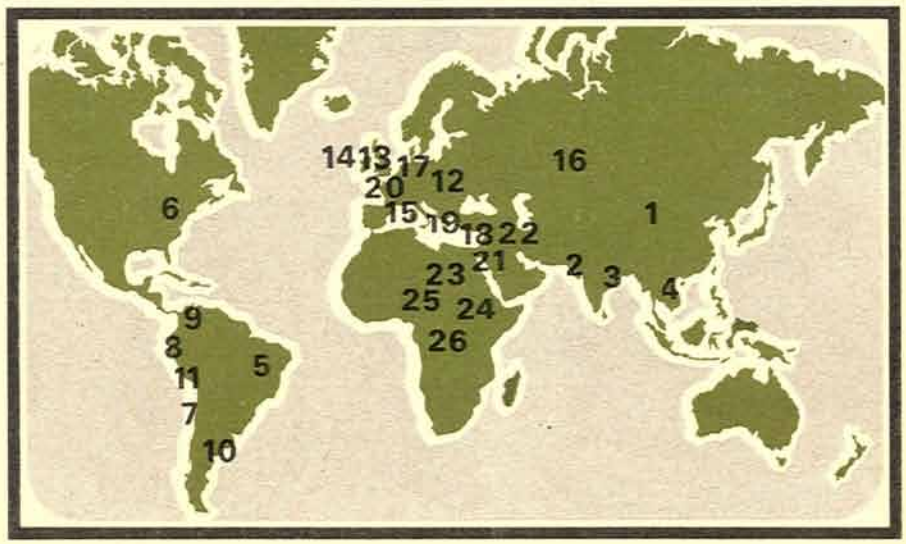
Antes, aquele oficial general avistou-se também com o Chefe do Estado-Maior da Armada Portuguesa, Vice-almirante Ornelas e Vasconcelos com quem assistiu a uma exposição na sala da Biblioteca do Estado-Maior da Armada sobre a organização e actividades da nossa Armada.

## PORTUGAL CONSTRÓI CORVETAS PARA A ÁFRICA DO SUL

Encontra-se em Lisboa uma Missão da República da África do Sul que vem tratar da construção em estaleiros portugueses de corvetas para a Marinha daquele país.

As unidades serão construídas de acordo com o projecto das corvetas da classe «João Coutinho» da autoria do comodoro Rogério de Oliveira e a assistência técnica e administrativa ficará a cargo da Direcção das Construções Navais.

# no mundo aconteceu




## NA ÁSIA

### 1 – *CHINA*

O presidente dos E.U.A., acompanhado da esposa e de altos funcionários federais, efectuou a sua anunciada visita a Pequim, onde se avistou com o presidente Mao Tsé-Tung e o primeiro-ministro Chu En-Lai. Durante as conversações secretas havidas, terão chegado a conclusões de grande importância para as relações entre os países do Leste e do Oeste do globo. Apesar da frieza da recepção popular, a rádio, a televisão e a imprensa chinesas têm feito amplas reportagens da visita de Nixon, nomeadamente do encontro com dirigentes chineses, da visita turística à Grande Muralha, ao museu de relíquias da dinastia Ming e à Cidade Proibida e do banquete oficial e do espectáculo de *ballet* oferecidos aos visitantes americanos. Durante a visita à Grande Muralha, Nixon fez o voto de que acabem «as muralhas que dividem os povos», enquanto no seu primeiro dia em Pequim os responsáveis dos dois grandes países declararam não terem «a intenção de dominar o mundo».

### 2 – *PAQUISTÃO*

O presidente Ali Bhuto efectuou visitas à China, Turquia, Líbano, Tunísia e Argélia e afirmou que deseja resolver o problema do Bangla Desh com Mujibur Rahman. No plano interno, tem enfrentado gravíssimas demonstrações de descontentamento.

### 3 – *BANGLA DESH*

Já reconhecido por vários países, o novo Estado do subcontinente indiano requereu oficialmente a sua entrada na Comunidade Britânica.

### 4 – *VIETNAM*

Aumentam substancialmente nos últimos tempos os ataques do Vietcong a bases americanas, coincidindo com a visita de Nixon a Pequim. O presidente Thieu, do Vietnam do Sul, por seu lado, propõe uma reunião de dirigentes de todos os países do Sueste Asiático com vista ao estabelecimento dum acordo sobre a «neutralização» daquela área asiática.

Foi reforçado o poderio aéreo americano no Vietnam com a chegada de mais bombardeiros *B-52* e aumentaram os ataques maciços da aviação americana a posições vietcong.

## NA AMÉRICA

### 5 – *BRASIL*

Anunciou-se que em 1976 entrará em funcionamento, no Estado do Rio de Janeiro, a primeira central nuclear brasileira. .

O Governo vai investir, na ampliação da cultura do café, a soma de 20 milhões de contos repartida por 3 anos.

### 6 – *ESTADOS UNIDOS*

Foi libertada sob caução a militante negra Angela Davies, que é acusada de ter fornecido armas a vários negros que em 1970 atacaram um tribunal.

Terminou a greve dos estivadores da costa ocidental, que provocou grandes prejuízos à economia americana.

### 7 – *CHILE*

O Governo de Allende acabou por se decidir a pagar a dívida de 93 milhões de dólares à firma americana cujos bens nacionalizara, após o Governo americano ter ordenado o congelamento dos valores chilenos nos Estados Unidos, tendo já pago a primeira prestação. Por outro lado, o Governo de Allende debate-se com conflitos internos decorrentes das medidas limitadoras às expropriações que o Parlamento chileno aprovou recentemente.

### 8 – *EQUADOR*

Um golpe de Estado levou ao poder uma junta militar. Esta ordenou a prisão dos especuladores

que haviam enriquecido ilìcitamente durante o anterior regime.

**9** – *VENEZUELA*
Este país vai receber dos Estados Unidos mísseis ar-ar, para restabelecimento do equilíbrio das forças militares da América do Sul.

**10** – *ARGENTINA*
Forças policiais e militares efectuaram uma rusga para detecção de guerrilheiros e prenderam cerca de 60 pessoas.

Num incêndio nos arredores de Buenos Aires, mais de 1000 pessoas dum «bairro de lata» ficaram sem alojamento.

**11** – *PERU*
Dois padres católicos e um estudante foram expulsos do país por perturbarem a ordem e terem instigado à violência.

---

## NA EUROPA

**12** – *CHECOSLOVÁQUIA*
Reuniram-se em Praga os dirigentes dos países signatários do Pacto de Varsóvia (aliança de países oposta ao Pacto do Atlântico).

**13** – *INGLATERRA*
A greve dos mineiros do carvão afectou grande parte da vida do país; provocando cortes de energia eléctrica e uma devastadora paralização das indústrias. Os mineiros, entretanto, obtiveram 21% de aumento dos salários.

**14** – *IRLANDA*
No prosseguimento da luta armada clandestina contra forças inglesas no Ulster, o I.R.A. efectuou atentados violentíssimos contra instalações militares e industriais. Bernadette Devlin, a conhecida deputada católica independente, lamentou vivamente o recente atentado de Aldershot que provocou 7 mortos e 19 feridos.

**15** – *ITÁLIA*
Andreotti é o novo presidente do Conselho italiano, ao qual cabe preparar as próximas eleições gerais no país.

Começou o julgamento de 4 anarquistas que em 1969 provocaram 16 mortos e 106 feridos em atentados bombistas.

**16** – *UNIÃO SOVIÉTICA*
Foi condecorado com a Ordem de Lenine o escritor C. Fedine, que recentemente completou 80 anos e é o decano dos escritores soviéticos.

A sonda lunar *Luna-20* emite preciosas informações para os laboratórios terrestres.

**17** – *BÉLGICA*
O secretário-geral da O.T.A.N., sr. Luns, afirmou que é vital a permanência de tropas americanas na Europa por nela não existirem forças militares suficientes para as substituirem.

**18** – *TURQUIA*
Istambul revelou-se muito semelhante à tristemente célebre Chicago dos anos 30 durante tiroteios travados entre a polícia e guerrilheiros urbanos do E.L.P.T., durante os quais foram mortos, feridos e capturados 7 dos guerrilheiros.

**19** – *SICÍLIA*
Explodiu nova bomba em Reggio de Calábria, na sequência dos atentados que vêm assinalando a passagem da capital daquela cidade para a rival de Catanzaro.

**20** – *FRANÇA*
Reuniu-se em Versalhes a Assembleia Mundial para a Paz e Independência dos Povos da Indochina, que reuniu 1000 delegados de 80 países, convocada para denunciar a política americana no Vietnam.

## NO MÉDIO ORIENTE

**21** – *ISRAEL*
Realizaram-se as maiores manobras militares israelitas desde 1967 (Guerra dos Seis Dias contra o Egipto, Jordânia e Síria). Desenvolveram-se no deserto do Sinai, sob o comando do general Elazar, que, no final, declarou que «empregando novas armas», os soldados israelitas se encontram mais bem preparados do que nunca.

**22** – *LÍBANO*
Tropas israelitas atacaram território libanês, o que parece ser represália contra os atentados que partiam do Líbano.

---

## EM ÁFRICA

**23** – *EGIPTO*
O ministro da Defesa soviético visitou este país, no âmbito dos frequentes contactos entre responsáveis das duas nações. Como se sabe, a União Soviética é o grande fornecedor de armamento (mísseis, aviões e tanques) do Egipto.

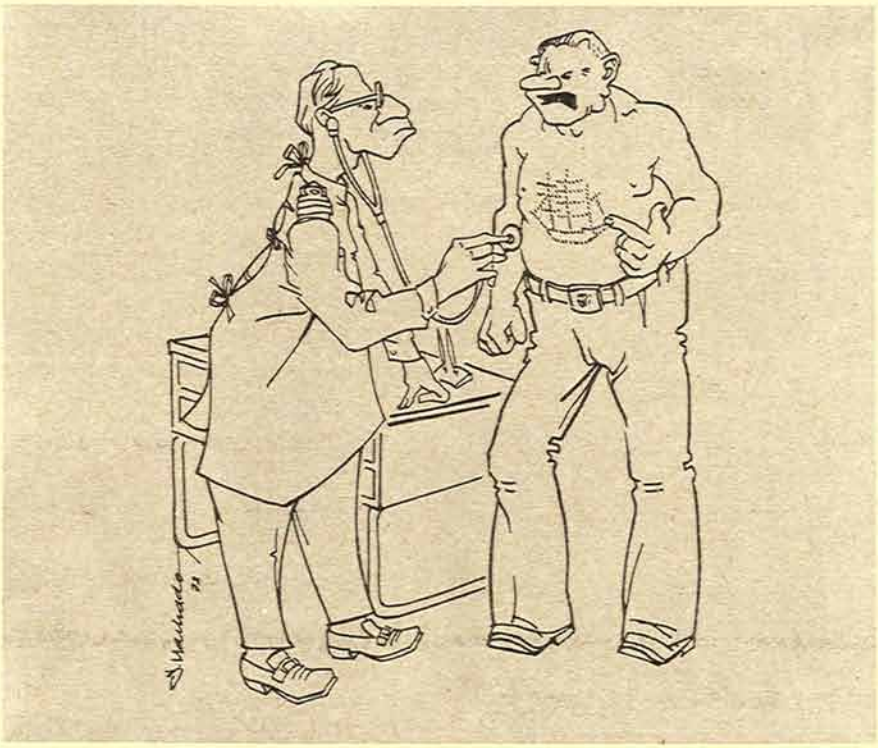
**24** – *SUDÃO*
O general Abbas foi demitido dos cargos de vice-presidente, ministro da Defesa, comandante-chefe das Forças Armadas e membro da Junta Central do partido do poder (União Socialista Sudanesa).

**25** – *CHAD*
O presidente deste país revelou-se partidário da política de entendimento com a comunidade branca de África, à semelhança do que preconizam os presidentes do Malawi, Costa do Marfim e Zaire.

**26** – *CONGO*
Malogrou-se um golpe de Estado neste país.

---

# quarto de folga



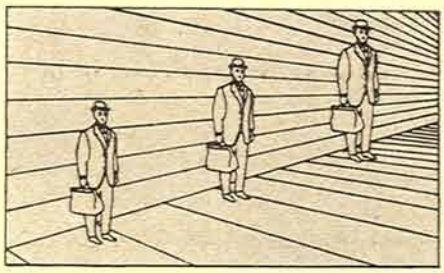
*Senhor doutor, sinto uma dor aqui entre a popa e o traquete.*

**«Velha Aliança».** *Desenho do Comandante Augusto Soares de Oliveira.*

## ILUSÕES DE ÓPTICA

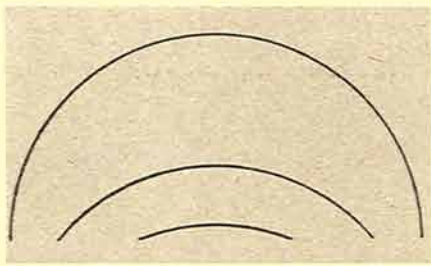
*(Solução na pág. n.º 34)*

I



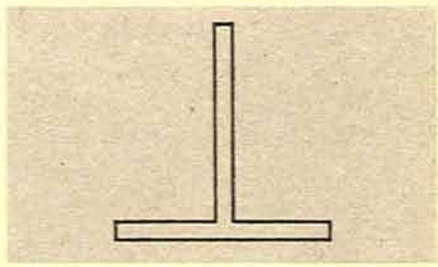
**Qual é o mais alto?**

II



**Qual dos arcos pertence ao círculo maior?**

III



**A vertical é maior do que a horizontal. Verdadeiro ou falso?**

## CONCURSO N.º 6

*Sorteio de um prémio entre as respostas certas.*

Fotografia tirada em terras do Portugal africano.
**DE QUE É A NUVEM?**

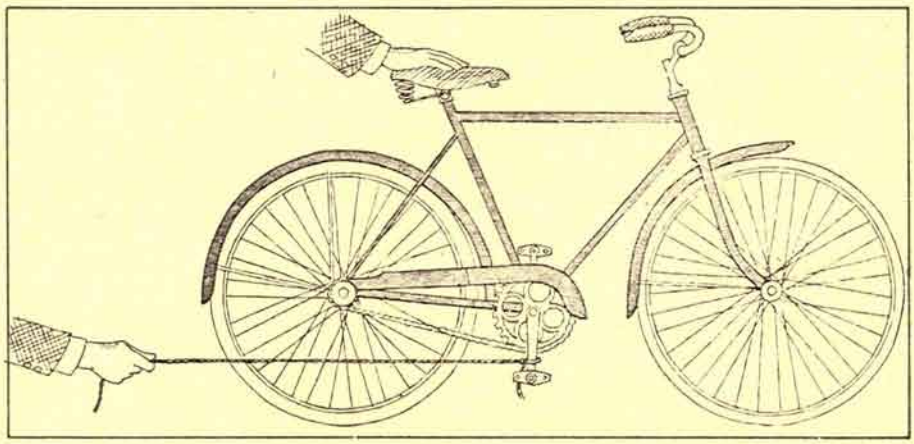
## PROBLEMAS PARA ENTRETER

*Apresentamos hoje, extraídos da mesma publicação que já anteriormente referimos, mais três problemas:*

17.º
Uma ave foi provida com um pequeno reservatório de oxigénio, muito leve, montado nas costas, por forma a dar-lhe a possibilidade de poder respirar na Lua. A velocidade de voo na Lua, onde a gravidade é muito menor do que na Terra, será mais rápida, mais lenta, ou a mesma que no nosso planeta? Admite-se que o pássaro transporta o mesmo equipamento em qualquer dos casos.

18.º
Um aquário do tipo jarra, com água até três quartos, foi posto numa balança com indicador. Se lhe deitar dentro um peixe vivo, o indicador mostrará um aumento de peso igual ao peso do peixe.

Suponha agora que, em vez de largar o peixe, o prende pela extremidade do rabo e o mergulha na água sem no entanto o largar. O indicador da balança registará um peso superior ao que indicava antes de mergulhar o peixe?

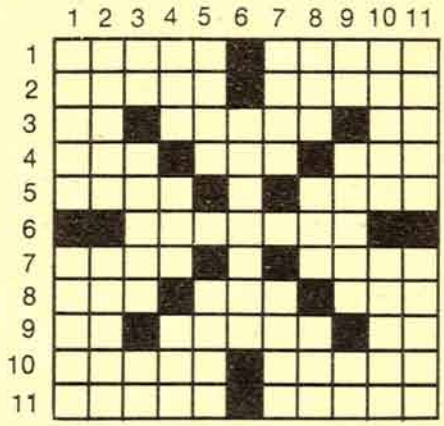


19.º
Ata-se um fio ao pedal de uma bicicleta como mostra a figura. Se puxarmos o fio para trás, enquanto alguém segura a bicicleta para que ela não tombe (sem no entanto impedir que se mova para diante ou para trás), o veículo andará para a frente, para trás ou ficará parado?

*O. Lemos*

## PALAVRAS CRUZADAS

**(Passatempo N.º 6)**



*(Solução na pág. n.º 34)*

**HORIZONTAIS:** 1 – Sossegado; acampamento militar. 2 – Praia; barquinho de pesca usado no Algarve. 3 – Igreja; ponteiro de plumbagina para escrever; o melhor. 4 – Semelhante; ente; atei. 5 – Língua vernácula indiana; argolas. 6 – Moinho movido por força animal. 7 – Tecido grosso; nome de mulher. 8 – Cultiva; lado; contr. de «senhor». 9 – Brinca; puxara; popa. 10 – Beneficiai; pertinácia. 11 – Sobrecarrega com tributos; não acertes.

**Verticais:** 1 – Inocente; toucinho cortado em tiras para entremear em peças de outra carne. 2 – Limpar com areia; constelação austral. 3 – Adivinha; cipó; nome de letra. 4 – Doença; fruta-do-conde; rio da Suíça. 5 – Ondas; combina. 6 – Apruma. 7 – Ruir; habilidade. 8 – Gemidos; nome de mulher; do ar (pref.). 9 – Dente queixal; cordilheira entre a Europa e a Ásia; seguir. 10 – Projecto; descansa. 11 – Lugar aprazível; espaços.

## TESTE DE CULTURA

### HISTÓRIA

1 – Qual foi o general que conquistou a Antiga Pérsia?
2 – Em que ano surgiu a República Popular da China?
3 – Cite alguma figura histórica relacionada com a América do Sul.
4 – Qual era a Pátria de Metternich?
5 – E de Cavour?

**Compilado por F. Bastos, 2.º gr. RM**

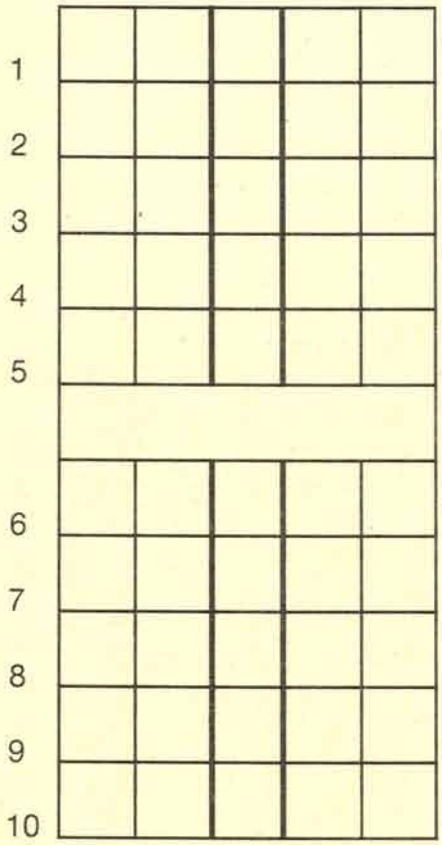
*(Solução na pág. n.º 34)*

## PROVÉRBIOS CHINESES

As prisões estão sempre fechadas de dia e de noite, mas sempre cheias de gente. Os templos estão abertos de dia e de noite, e sempre sem ninguém.

Os meus livros falam ao meu espírito; os meus amigos ao meu coração; o céu à minha alma. Tudo o mais aos meus ouvidos.

## PILHA DE PALAVRAS



1 – Estação de muda de cavalos empregados nas antigas diligências.
2 – Parente.
3 – Cabelos.
4 – Lugarejos.
5 – Mercado.
6 – Vasilhas bojudas de tanoaria.
7 – Exame.
8 – Entrada (fig.).
9 – Mentiras.
10 – Palavreado.

Depois de resolvido este passatempo, na coluna central o leitor encontrará o nome de um grande patriota e africanista português que, em Angola, levantou bem alto o nome de Portugal.

Este passatempo apresenta a particularidade de as palavras se iniciarem pela letra «P».

*(Solução nesta página)*

## SOLUÇÕES

### ILUSÕES DE ÓPTICA

As diferenças aparentes são uma ilusão de óptica.

1.º
São todos da mesma altura. A discrepância entre a altura real e a aparente deriva da localização das figuras num sistema de linhas convergentes.

2.º
Os três arcos pertencem ao mesmo círculo.

3.º
Falso. As verticais parecem geralmente ser maiores do que as horizontais do mesmo comprimento.

### PROBLEMAS PARA ENTRETER

13.º – Para tirar o ovo, ponha a cabeça para trás, inverta a garrafa e aplique a boca ao gargalo. Nessa posição, sopre quanto puder de forma a aumentar tanto quanto possível a pressão do ar no interior da garrafa. Retire a boca e deixe que o ar empurre o ovo cá para fora...

14.º – As porcas e parafusos, quando dentro do barco, fazem deslocar um volume de água equivalente ao peso de umas e de outros. Quando são afundados na tina deslocam um volume de água igual ao seu próprio volume. Como cada peça pesa bastante mais do que o mesmo volume de água o nível da tina baixa quando se alija a carga.

15.º Quando um carro fechado acelera, as forças de inércia forçam a massa de ar a ir para trás. Isso faz com que o ar seja comprimido atrás do balão, empurrando-o para a frente. Quando o carro faz uma curva, pela mesma razão, o balão terá tendência a mover-se para o lado de dentro da curva.

16.º – No interior do asteróide (qualquer que seja o ponto) a gravidade é zero. Para ter ideia da demonstração disso, veja «THE UNIVERSE AT LARGE» de Hermam Bondi pág. 102.

### PALAVRAS CRUZADAS

**Horizontais:** 1 – Calmo; campo. 2 – Areal; aiola. 3 – Sé; lápis; ás. 4 – Tal; ser; uni. 5 – Oriá; aros. 6 – Atafona. 7 – Lona; Aida. 8 – Ara; ala; sor. 9 – Ri; alara; ré. 10 – Dotai; teima. 11 – Onera; erres.

**Verticais.** 1 – Casto; lardo. 2 – Arear; Orion. 3 – Lê; liana; tê. 4 – Mal; ata; Aar. 5 – Olas; alia. 6 – Perfila. 7 – Cair; arte. 8 – Ais; Ana; aer. 9 – Mó; Urais; ir. 10 – Plano; dorme. 11 – Oasis; áreas.

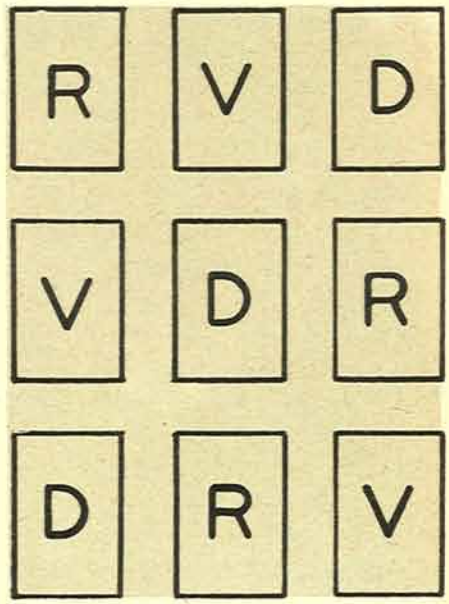
### TESTE DE CULTURA
HISTÓRIA

1 – Alexandre Magno
2 – 1949
3 – Simão Bolivar
4 – Áustria
5 – Itália

### PILHA DE PALAVRAS

1 – Posta. 2 – Prima. 3 – Pêlos. 4 – Povos. 5 – Praça. 6 – Pipas. 7 – Prova. 8 – Porta. 9 – Petas. 10 – Prosa. (SILVA PORTO)

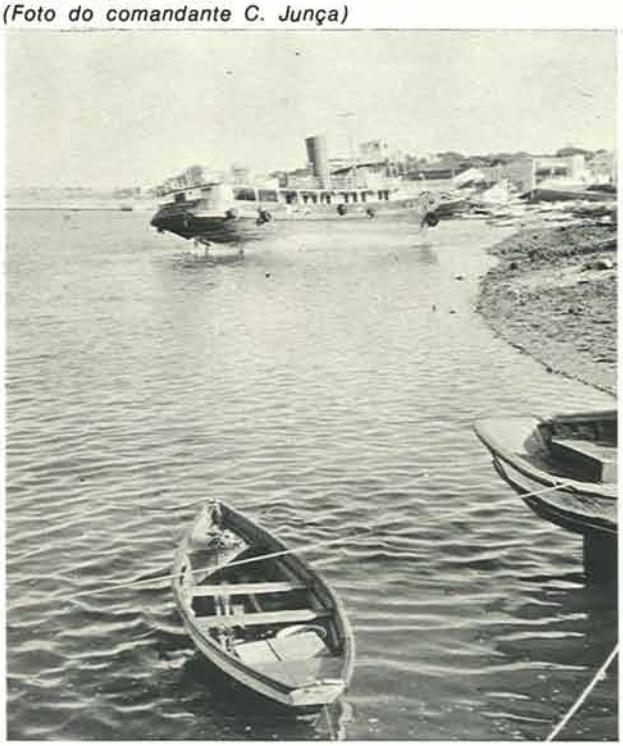
## CONCURSO N.º 5



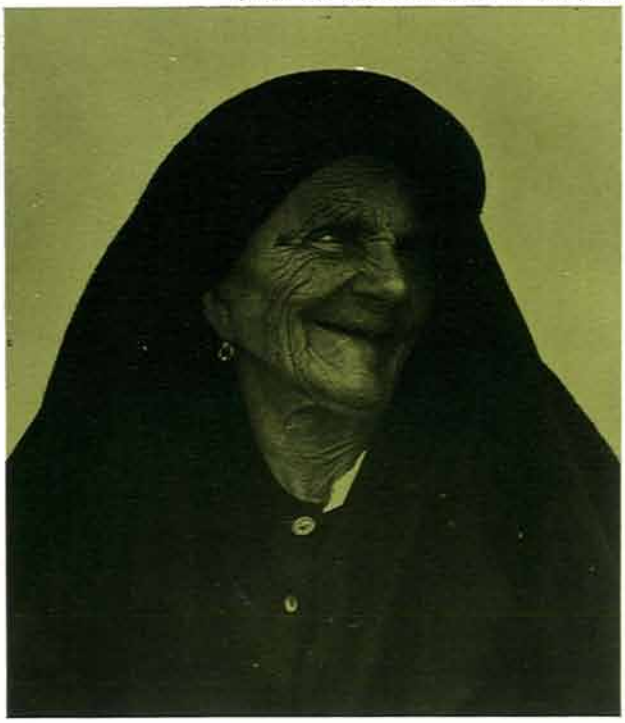
# ...ONDE A TERRA ACABA E O MAR COMEÇA...

**Flagrantes do litoral português**

Seixal – Barco varado
*(Foto do comandante C. Junça)*



Nazaré – «Maria Santana»
*(Foto do subten. RN L. C. Gaspar)*



Azenhas do Mar
*(Foto do subten. RN L. C. Gaspar)*

**METRÓPOLE**

*Lisboa*
*Ponte Salazar*

**MADEIRA**

*Funchal – Buganvília*
*(Foto Perestrellos)*

**AÇORES**

*Ponta Delgada*
*Av. Infante D. Henrique*